



VEREDAS

Revista de Estudos Linguísticos

Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFJF



Tradução

TALMY, Leonard. Movimento fictivo na linguagem e “*Cepção*”. In: TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics: Concept Structuring Systems*, Volume 1, The MIT Press, 2000.

Créditos da tradução

A tradução deste artigo foi realizada pelo curso de Letras-Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Juiz de Fora, no âmbito do Estágio Supervisionado de Tradução-Inglês, coordenado pela Prof^a Dr^a Sandra Aparecida Faria de Almeida, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, e dela participaram as alunas: Carina Bedendo Silveira, Gabriela Guedes Nascimento, Giovanna de Castro Moreira Silva e Keydmann Gabriela Santana da Silva. O estabelecimento do texto final e a revisão técnica foram realizados pelo Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Agradecimentos

Agradecemos, em primeiro lugar, ao Professor Leonard Talmy, autor do texto, e à editora MIT Press, na pessoa de Pamela Quick, por terem-nos gentilmente cedido os direitos autorais. Em segundo lugar, mas não menos importante, agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Linguística da UFJF que, por meio de convênio firmado entre a coordenação do programa e a coordenação do curso de Letras-Bacharelado em Tradução da UFJF, propiciou a realização da tradução deste importante texto da área da Linguística Cognitiva no âmbito do Estágio Supervisionado em Tradução-Inglês da Faculdade de Letras. Deixamos nosso reconhecimento também ao Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha, do Departamento de Letras, que gentilmente realizou a revisão técnica do texto em sua versão final. Dirigimos nossos agradecimentos também à equipe de estagiárias: Carina Bedendo Silveira, Gabriela Guedes Nascimento, Giovanna de Castro Moreira Silva e Keydmann Gabriela Santana da Silva. Agradecemos, por fim, à Veredas- Revista de Estudos Linguísticos, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, por acolher a publicação desta tradução.

Prof^a Dr^a Sandra Aparecida Faria de Almeida

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo propõe uma descrição unificada da extensiva representação cognitiva de fenômenos não-verídicos – principalmente formas de movimento – tanto no que diz respeito à sua expressão linguística quanto à sua percepção visual¹. Dessa forma, a fim de apresentar uma noção objetiva do assunto, a abordagem postulada aqui irá cobrir expressões linguísticas que demonstram movimento sem ocorrência física, como nos exemplos a seguir:

- (a) This fence goes from the plateau to the valley.
- (b) The cliff wall faces toward/away from the island.
- (c) I looked out past the steeple.
- (d) The vacuum cleaner is down around behind the clothes hamper.
- (e) The scenery rushed past us as we drove along.

De modo semelhante, nossa abordagem também irá cobrir situações visuais em que se percebe movimento sem ocorrência física, por exemplo, o “movimento aparente” percebido em flashes sucessivos ao longo de uma fileira de lâmpadas, como em uma marquise; o “movimento induzido” percebido de uma haste quando apenas uma estrutura vizinha se mexe; a percepção de uma linha curva como uma linha reta que sofreu processos como indentação e protrusão; a possível percepção de um retângulo em posição oblíqua (por exemplo, um porta-retratos) como se tivesse sido inclinado de uma posição horizontal para vertical; e a possível percepção do sinal de adição como resultado da sequência de uma barra vertical e uma barra horizontal.

1.1 Panorama

Iniciamos com um panorama relativamente abrangente de nossa proposta. Nosso relato unificado da representação cognitiva de fenômenos não-verídicos, ilustrados acima, é uma manifestação específica do modelo de “sobreposição de sistemas” da organização cognitiva. Este modelo vê semelhanças e diferenças parciais através de sistemas cognitivos distintos no modo com que eles estruturam representações cognitivas perceptuais, conceituais, ou de outra natureza. Conforme observado, consideramos principalmente semelhanças entre os seguintes sistemas cognitivos: linguagem e percepção visual.

A manifestação específica da sobreposição que abordamos envolve um importante padrão cognitivo: uma discrepância inerente à cognição de um único indivíduo. Especificamente, esta discrepância ocorre entre duas representações cognitivas diferentes de uma mesma entidade, em que uma das representações é avaliada como mais verídica do que a outra. Presumimos que as duas representações são os produtos de dois subsistemas cognitivos diferentes, e que a própria avaliação de veracidade é produzida por um terceiro subsistema cognitivo cuja função geral é produzir tais avaliações.

Com a noção de discrepância que pretendemos utilizar aqui, as duas representações cognitivas consistem em conteúdos diferentes que não poderiam se sustentar, de forma coerente e ao mesmo tempo, para o objeto representado - isto é, eles seriam inconsistentes ou contraditórios, segundo o julgamento dos sistemas cognitivos do indivíduo para conhecimentos gerais ou razão. Por outro lado, o indivíduo não precisa ter qualquer experiência ativa de conflito ou choque entre as duas representações sustentadas, mas poderia

antes experienciá-las como perspectivas alternativas. Além disso, ao se dizer que as duas representações discrepantes diferem na avaliação do grau de veracidade, usamos o termo menos comum “verídico” - em vez de, digamos, um termo como “verdadeiro” - para sinalizar que a atribuição é uma avaliação produzida por um sistema cognitivo, sem apelar para alguma noção de realidade absoluta ou externa.

Das duas representações discrepantes do mesmo objeto, iremos caracterizar a representação avaliada como mais verídica como sendo **factiva** e a representação avaliada como menos verídica como sendo **fictiva**. Adaptado de seu uso na Linguística, o termo “factivo” é usado aqui novamente para indicar uma avaliação cognitiva de maior veracidade, mas não para sugerir (como talvez a palavra “factual” pudesse) que uma representação é, em alguma medida, objetivamente real. O termo “fictivo” foi adotado por sua referência à capacidade imaginativa da cognição, não para sugerir (como talvez a palavra “fictício” pudesse) que uma representação é, de alguma forma, objetivamente irreal. De modo geral, este padrão cognitivo de representações discrepantes veridicamente desiguais de um mesmo objeto será aqui chamado de padrão de **fictividade** geral.

No padrão de fictividade geral, as duas representações discrepantes com frequência - embora não de modo exclusivo - discordam a respeito de uma única dimensão, representando polos opostos dessa dimensão. Várias e diferentes dimensões desse tipo podem ser observadas. Um exemplo de tal dimensão é o “estado de ocorrência”. Aqui, a presença factiva (a presença de alguma entidade na representação mais verídica) é pareada com a ausência fictiva (a ausência dessa entidade da representação menos verídica) ou vice versa. Outro exemplo de dimensão é o “estado de mudança”. Aqui, a representação mais verídica de um objeto poderia incluir estase/estabilidade factiva, enquanto a representação menos verídica inclui mudança fictiva - ou vice versa. Uma forma desta última dimensão quando aplicada a um complexo físico no espaço-tempo é a dimensão específica “estado de movimento”. Aqui, a representação mais verídica poderia incluir imobilidade, enquanto a representação menos verídica tem movimento - ou vice versa. Portanto, frequentemente em conjunto com seus opostos factivos, podemos esperar encontrar casos de presença fictiva, ausência fictiva, estase fictiva, mudança fictiva, imobilidade fictiva e movimento fictivo. Na verdade, em grande medida, a fictividade geral pode acomodar qualquer “X fictivo”.

Embora considere todos esses tipos, o presente estudo enfoca primordialmente o movimento fictivo, geralmente pareado com a imobilidade factiva. Veremos que tal movimento fictivo ocorre predominantemente e com mais frequência do que a imobilidade fictiva em conjunto com o movimento factivo. Como rá discutido, essa assimetria reflete uma inclinação cognitiva geral pelo dinamismo.

O padrão de fictividade geral talvez possa ser encontrado de forma paralela tanto na linguagem quanto na visão. Na linguagem, o padrão é amplamente exibido no caso em que uma das representações conflitantes é a crença sustentada pelo falante ou pelo ouvinte sobre a natureza real do referente de uma sentença, e a outra representação é a referência literal das formas linguísticas que constituem a sentença. Aqui a representação literal é avaliada como menos verídica que a representação baseada em crenças. Consequentemente, a representação literal é fictiva, enquanto a representação baseada em crenças é factiva. Dado nosso foco no padrão em que o movimento fictivo geralmente é pareado com a mobilidade factiva, tratamos aqui, de forma geral, do padrão linguístico no qual o sentido literal de uma sentença atribui movimento a um referente que acreditamos estar imóvel.

No caso da visão, a principal ocorrência do padrão de fictividade geral é o caso em que uma das representações conflitantes é a percepção concreta ou totalmente palpável que o indivíduo tem de uma cena ao vê-la, e a outra é uma percepção específica e menos palpável

que o indivíduo pode ter, simultaneamente, desta mesma cena. Aqui, a percepção menos palpável é avaliada como a menos verídica das duas representações. Paralelamente ao caso linguístico, o termo “factivo” pode ser aplicado à representação visual mais palpável e o termo “fictivo” para a menos palpável. Argumentamos que um indivíduo “vê” a representação factiva, mas só “percebe” a representação fictiva (quando ocorre em um nível, particularmente baixo, de palpabilidade, a ser discutido mais adiante). Aqui, também nos detemos no movimento fictivo, no qual a representação visual menos palpável é de movimento, enquanto a representação totalmente palpável é, geralmente, de imobilidade. Assim, ao visualizar um determinado desenho, pode-se, em um alto nível de palpabilidade, de modo factivo, “ver” uma figura estática no formato de Pac-Man e ao mesmo tempo “perceber”, em um nível inferior de palpabilidade, de modo fictivo, o evento dinâmico de um círculo tendo uma fatia removida.

Para abranger essa descrição de representações visuais que diferem no que diz respeito a sua palpabilidade, postulamos a presença de um parâmetro gradativo de palpabilidade na cognição. Além disso, é possível identificar uma série de parâmetros gradativos adicionais que amplamente tendem a se correlacionarem com o parâmetro da palpabilidade. Todos os “parâmetros relativos à palpabilidade” são caracterizados na seção 9.1. Ainda, tais parâmetros parecem estender-se continuamente através de um domínio cognitivo mais amplo do que o geralmente associado apenas à percepção, um domínio que, na verdade, inclui a combinação do que é, em geral, distintamente associado a domínios independentes de percepção e concepção. Assim, para abarcar a gama total de cada um desses parâmetros, defendemos a ideia de um único domínio cognitivo contínuo, o qual denominamos “*cepção*”.

No presente capítulo, restringimos em grande parte nosso estudo sobre fictividade geral na linguagem para o caso em que ambas as representações conflitantes são de um conjunto físico espaço-tempo. Desse modo, existe, em geral, a possibilidade de que qualquer exemplo linguístico tenha um equivalente em um formato visual. Assim, em uma correspondência entre domínios dessa natureza, poderíamos esperar encontrar dois paralelos: um paralelo se manteria entre as duas representações factivas, o outro entre as duas representações fictivas. Em particular, um paralelo se estabeleceria entre a representação linguística de uma sentença tida como verídica e a constituição totalmente palpável e concreta de sua visualização. Então, outro paralelo se verificaria entre a referência literal menos verídica da sentença e uma imagem menos palpável associada a ela e percebida na visualização.

Se encaramos esta correspondência a partir do ponto de vista linguístico, um exemplo de fictividade geral cujas representações pertencem a entidades físicas no espaço-tempo podem, de fato, ser mapeadas em um exemplo visual de fictividade geral. Em tal mapeamento, a diferença linguístico-referencial entre credibilidade e literalidade é traduzida em uma diferença de palpabilidade no domínio visual. Métodos experimentais são necessários para determinar se o paralelo entre as duas representações fictivas se sustenta. Na verdade, um dos objetivos deste capítulo é servir de guia e de apelo para tais pesquisas experimentais.

A restrição do presente estudo à representação das formas físicas no espaço-tempo exclui o tratamento da metáfora não-espacial. Por exemplo, uma metáfora como *Her mood went from good to bad* seria excluída; embora seu domínio fonte seja o movimento no espaço-tempo, o alvo é o domínio não-físico dos estados de humor. No entanto, como será discutido posteriormente, a metáfora linguística como um todo funciona como uma categoria dentro do modelo da fictividade geral. A fictividade geral pode servir de modelo superordenado pois, dentre outras razões, seus conceitos e termos aplicam-se prontamente tanto às representações visuais quanto às linguísticas, enquanto a teoria da metáfora se apoia em conceitos e termos mais adequados apenas para a linguagem. Usando a perspectiva e os métodos da linguística

cognitiva, o presente estudo sobre o movimento fictivo é baseado na linguagem, mas se estende para além dela ao considerar a percepção visual.

1.2 Movimento fictivo na linguagem

O movimento fictivo na linguagem abrange uma série de categorias relativamente distintas. Estas categorias incluem “emanação”, “trajetórias padrão”, “movimento relacionado a enquadre”, “trajetórias de chegada” (incluindo o “ponto de manifestação” e o “ponto de chegada”), “trajetórias de acesso” e “trajetórias de coextensão”. A última categoria, talvez o tipo de movimento fictivo mais familiar na literatura linguística existente, foi denominada “movimento virtual” em Talmy (1983), “extensão” em Jackendoff (1983), “movimento abstrato” em Langacker (1987), e “movimento subjetivo” em Matsumoto (1996). O nosso termo atual, “trajetórias de coextensão”, é usado como uma parte de uma taxonomia mais abrangente do movimento fictivo aqui apresentado.

1.2.1 Exemplo introdutório

Exemplificar trajetórias de coextensão pode servir de orientação para o movimento fictivo em geral. Esta categoria é muitas vezes demonstrada por formas como *This road goes from Modesto to Fresno* ou *The cord runs from the TV to the wall*. Porém, uma demonstração mais genuína deste tipo de movimento fictivo excluiria a referência a uma entidade que apoia o movimento real de outros objetos (assim como uma estrada orienta veículos) ou que ele próprio pode estar associado a um histórico de movimento real (como um cabo de TV). O exemplo da "cordilheira", em (1), evita este problema:

- (1) a. That mountain range lies between Canada and Mexico.
- b. That mountain range goes from Canada to Mexico.
- c. That mountain range goes from Mexico to Canada.

O exemplo (1a) diretamente expressa as relações espaciais locativas mais verídicas em uma forma estativa da expressão, sem evocar movimento fictivo. Os exemplos (1b) e (1c), porém, representam a entidade locativa linear, a cordilheira, de um modo que evoca um sentido ou uma conceptualização de algo em movimento – de norte a sul e de sul a norte, respectivamente. As duas últimas sentenças exibem o padrão fictividade geral. Cada uma delas envolve duas representações conflitantes do mesmo objeto, a cordilheira. Das duas representações, a representação fictiva – isto é, a que é avaliada e experienciada como menos verídica – consiste da referência literal das palavras que diretamente representam a cordilheira como estando em movimento. A representação factiva, avaliada e experienciada como mais verídica, consiste da nossa crença de que a cordilheira não se move. Esta representação factiva é a única representação presente na sentença (1a) que, conseqüentemente, não exhibe o padrão de fictividade geral.

1.2.2 A fenomenologia do movimento fictivo

A maioria dos observadores pode concordar que as línguas se referem, sistemática e extensivamente, a circunstâncias de imobilidade com formas e construções cuja referência básica é o movimento. Podemos denominá-lo **movimento fictivo construcional**. No entanto, os falantes apresentam diferenças com relação ao grau em que tais expressões evocam um sentido real ou conceptualização de movimento – o que pode ser chamado de **movimento fictivo experienciado**. Assim, para a mesma instância de movimento fictivo construcional, alguns falantes irão relatar uma forte evocação semântica de movimento, enquanto outros falantes dirão que não há qualquer evocação de movimento. Entretanto, o que parece ser, de fato, comum é que cada falante experimenta uma sensação de movimento para *algumas* construções de movimento fictivo.

No caso em que uma experiência de movimento realmente ocorre, aparece uma gama adicional de diferenças sobre o que é conceptualizado como movimento. Esta conceptualização pode variar entre os indivíduos e tipos de movimento fictivo; até o mesmo indivíduo pode lidar com o mesmo exemplo de movimento fictivo de modo diferente em ocasiões diversas. Dentro das conceptualizações dessa natureza, o movimento fictivo pode ser manifestado pela entidade nomeada, por exemplo, pela cordilheira em (1); por algum objeto não nomeado que se move em relação à entidade nomeada, por exemplo, um carro ou alpinista em relação à cordilheira; no repertório imagético do falante ou do ouvinte, pelo equivalente imagético ou conceptual do seu foco de atenção que se move em relação à entidade nomeada; por alguma essência conceptual abstrata de movimento relativo à entidade nomeada; ou por um sentido de direção abstrata que sugere um movimento relativo à entidade nomeada. A força e o caráter do movimento fictivo experienciado, bem como a sua clareza e homogeneidade, são um concomitante fenomenológico do presente estudo que exigirá mais investigação.

1.2.3 Categorias distintas

As várias categorias distintas de movimento fictivo, acima indicadas, diferem umas das outras em relação a um certo conjunto de características conceptuais. Cada categoria de movimento fictivo exibe uma combinação diferente de valores para estas características, das quais as principais são apresentadas a seguir em (2):

(2) *Características principais que distinguem categorias de movimento fictivo na linguagem*

- a. O movimento fictivo de alguns elementos não necessita/deve estar presente para o efeito fictivo;
- b. A entidade que se move de forma fictiva é, ela própria, factiva/fictiva;
- c. O efeito fictivo é neutro quanto ao observador/baseado no observador – e, se, baseado no observador:
 - (i) o observador é factivo/fictivo;
 - (ii) o observador move/promove escaneamento;
- d. O que é concebido como em movimento fictivo é uma entidade/a observação de uma entidade.

Da gama das categorias de movimento fictivo, este capítulo se detém, em maior detalhe, na categoria de emanção, que parece ter sido amplamente ignorada. As outras categorias de movimento fictivo indicadas serão brevemente discutidas na seção 8²

1.3 Propriedades do tipo *emanação* em geral

Em meio à gama de categorias de movimento fictivo, a *emanação* é basicamente o movimento fictivo de algo intangível que emerge de uma fonte. Na maioria dos subtipos, a entidade intangível continua ao longo de sua trajetória de *emanação* e termina por atingir algum objeto distal. Os valores específicos das características de fictividade geral de (2), que são exibidas pela categoria de *emanação*, são listados em (3). Especificamente, a entidade intangível é o que se move fictivamente e é ela mesma fictiva, e seu movimento fictivo não depende de nenhum movimento factivo por parte de uma entidade tangível nem de qualquer observador situado.

(3) Os principais valores para as trajetórias de *emanação* na linguagem

- a. O movimento factivo de alguns elementos não precisa estar presente para que o efeito fictivo ocorra;
- b. A entidade que se move de forma fictiva é em si fictiva;
- c. O efeito fictivo é neutro para o observador;
- d. O que é concebido como em movimento fictivo é uma entidade.

A categoria de *emanação* compreende uma série de tipos relativamente distintos. Apresentamos quatro desses tipos de *emanação* na seção 2.5: trajetórias de orientação, trajetórias de radiação, trajetórias de sombra/sombreamento e trajetórias sensoriais. As ilustrações em geral serão apenas em inglês na presente versão deste estudo, mas exemplos de outras línguas podem ser prontamente citados. Pelo menos as demonstrações de movimento fictivo construcional irão se apoiar em formas linguísticas basicamente com referentes de movimento real como verbos como *throw* e preposições como *into* e *toward*. Na exposição, toda vez que alguma forma de conceptualização linguística for postulada, levantaremos a possibilidade de uma configuração perceptual correspondente. Então, na seção 7, iremos sugerir especificamente equivalentes/contrapartes perceptuais para os tipos de *emanação* que foram discutidos.

2 TRAJETÓRIAS DE ORIENTAÇÃO

O primeiro tipo de *emanação* que consideramos são as **trajetórias de orientação**. A conceptualização linguística - e possivelmente uma percepção visual correspondente - de uma trajetória de orientação é de uma entidade intangível linear e contínua que emerge da parte frontal de algum objeto e se afasta dela de forma constante. Tal entidade pode ser concebida ou percebida como uma linha ou eixo móvel e intangível - a única caracterização utilizada a seguir. Por outro lado, porém, a entidade pode ser concebida ou percebida como uma abstração intangível que se move ao longo de uma linha ou eixo estático - igualmente intangível - que já está posicionada e unida por uma de suas extremidades à parte frontal do objeto. Além do movimento fictivo ao longo do eixo dessa linha, em alguns casos, ela também pode ser conceptualizada ou percebida como se movendo lateralmente.

Nessa caracterização, a parte frontal de um objeto é em si uma conceptualização linguística ou uma atribuição perceptual baseada em um tipo específico de assimetria na configuração física do objeto; ou no movimento do objeto ao longo de um trajeto, em que o lado principal geralmente constituiria a parte frontal.³ Nos principais casos aqui relevantes, essa parte frontal pode ser do tipo plana ou do tipo "face", consistindo em uma superfície relativamente plana em um objeto com volume, ou uma parte frontal projetada, consistindo em uma extremidade de um objeto de formato linear.

A seguir, serão apresentados os cinco subtipos de trajetórias de orientação que diferem no que diz respeito a diversos fatores, incluindo se a parte frontal é do tipo face ou do tipo ponta, e se o movimento fictivo da linha intangível é axial ou lateral. Primeiramente, no entanto, notamos a ocorrência de construções sensíveis à *presença* fictiva de uma linha intangível alinhada com a parte frontal de um objeto, antes de procedermos ao seu movimento fictivo. Consideremos as sentenças em (4):

- (4) a. She crossed in front of me/the TV.
b. She crossed ?behind/*beside me/the TV.

As sentenças acima mostram que o verbo *cross* pode ser satisfatoriamente usado quando indica movimento transversal face a um objeto com uma parte frontal, mas não pode ser usado adequadamente quando indica movimento na retaguarda e nunca quando se trata de um deslocamento lateral.⁴ Este padrão de uso parece sugerir que há algo linear presente no movimento em direção à parte frontal e não a qualquer outra de um objeto. Diríamos que o que está sendo atravessado é a linha intangível postulada e concebida como originando-se na parte frontal de um objeto, que iremos ver, a seguir, exibe movimento fictivo em um conjunto mais amplo de tipos de construções.

2.1 Trajetórias de projeção

O primeiro tipo de trajetória de orientação que examinamos pode ser denominado **trajetória de projeção**. A orientação que um objeto com uma parte frontal do tipo face tem com relação a seu entorno pode ser conceptualizada linguisticamente - e talvez percebida - em termos de movimento fictivo. Com a sua parte frontal, o objeto tem uma "projeção", "exposição" ou "visão" específica em relação a algum outro objeto no seu entorno. Esta projeção é caracterizada como se alguma linha ou eixo intangível emergisse da parte frontal e se movesse continuamente para longe do objeto principal com relação a outro. As construções linguísticas, com efeito, tratam esta linha como Figura que se move em relação a outro objeto, tido como Fundo ou Objeto de Referência (cf. capítulos I-3 e I-5 sobre esses termos), ao longo de um caminho indicado por adposições direcionais. Em inglês, tais construções geralmente empregam verbos como / *face* ou *look out*.

No exemplo (5), a lateral de um penhasco age como sua parte frontal do tipo face. A projeção do penhasco sobre seu entorno é caracterizada em termos de um movimento fictivo a partir de sua face ao longo do trajeto especificado pela preposição com relação ao Objeto de Referência - o vale. Novamente, este exemplo manifesta o padrão de fictividade geral. O sentido literal de suas palavras descreve uma representação fictiva, menos verídica, em que algo se move a partir do paredão do penhasco ao longo de uma trajetória que é orientada com relação ao vale. Essa representação, porém, é conflitante com a representação factiva, mais

verídica, que consiste na nossa crença de que todas as entidades referentes na cena são estáticas e não envolvem movimento.

(5) The cliff wall faces toward/away from/into/past the valley.

2.2 Trajetórias de alinhamento

O tipo de orientação da **trajetória de alinhamento** envolve um objeto linear fixo com uma parte frontal projetada/proeminente. A orientação de tal objeto linear é aqui conceptualizada linguisticamente - e talvez percebida - em termos de algo intangível que se move ao longo do eixo do objeto, emerge de sua parte frontal e segue diretamente ao longo de uma trajetória preposicionalmente determinada em relação a algum objeto distal. Nesse processo, as construções em inglês que evocam este arranjo não são livres para representar qualquer orientação, mas estão limitadas aos dois casos em que o objeto linear está alinhado com o objeto distal - a parte frontal sendo o ponto mais próximo ou mais distante do objeto distal. As sentenças em (6) ilustram esse tipo⁵:

(6) The snake is lying toward/away from the light.

Aqui a cobra é o objeto linear com sua cabeça como a parte frontal do tipo ponta, e a luz é o objeto distal. Nota-se que essa construção combina um verbo de imobilidade, *lie*, com uma preposição de trajetória, *toward* ou *away from*, que pressiona as propriedades semânticas do verbo. Uma frase apenas com *lie* permitiria uma interpretação da cobra estando enrolada e, digamos, apontando apenas sua cabeça na direção da luz ou para longe dela. Mas no entendimento normal de (6), o corpo da cobra forma uma linha aproximadamente reta, alinhada com a luz. Isto é, a adição de uma preposição de trajetória nessa construção tem o efeito de forçar uma interpretação fictiva de “trajetória de alinhamento” que requer um contorno em linha reta do corpo da cobra. A hipótese de que as trajetórias de orientação fictivas emergem da parte frontal do objeto e se afastam dele explica corretamente o fato de que a sentença com *toward* refere-se à cabeça da cobra como a parte mais próxima da luz, enquanto a sentença com *away from* indica que a cabeça é a parte mais distante.

2.3 Trajetórias demonstrativas

O tipo **demonstrativo** de trajetórias de orientação também envolve um objeto linear com uma parte frontal do tipo ponta a partir da qual uma linha intangível emerge. Aqui, porém, a linha que se movimenta fictivamente funciona para direcionar ou guiar a atenção de alguém ao longo de sua trajetória. A orientação específica do objeto linear pode tanto ser um fator independente que simplesmente ocasiona uma instância de direcionar a atenção de alguém quanto ser intencionalmente designada para servir ao propósito de guiar a atenção. Essa função de direcionar a atenção de alguém pode ser o resultado final pretendido de uma situação. Ou pode ser um evento precursor que é instanciado ou seguido de outro evento, como uma pessoa direcionando seu olhar ou movendo seu corpo ao longo da trajetória fictiva.

Desse modo, nos exemplos em (7), um objeto linear com uma extremidade frontal, como uma seta ou um dedo indicador estendido, parece traçar uma linha intangível a partir da sua extremidade frontal. Essa linha se move na direção da orientação do objeto de modo a

direcionar a atenção, o olhar ou o movimento físico de alguém ao longo do trajeto especificado pela preposição.

- (7) a. I/The arrow on the signpost pointed toward/away from/into/past the town.
b. I pointed /directed him toward/past/away from the lobby.

2.4 Trajetórias de direcionamento

Em uma trajetória de direcionamento, um Agente estabelece intencionalmente a orientação de um objeto com uma parte frontal de forma que a linha fictiva, que é conceptualizada ou percebida como emergindo dessa frente, segue uma trajetória desejada em relação ao entorno do objeto. Esse movimento fictivo estabelece uma trajetória ao longo do qual o Agente pretende que um movimento subsequente específico ocorra. Esse movimento subsequente é real ou é fictivo em si. Embora comparativamente complexo, algo como essa sequência de intenções e ações, com trajetória fictiva única ou dupla, parece subjazer os nossos conceitos de mirar, visualizar ou direcionar. Considere as sentenças em (8) a este respeito.

- (8) I pointed/aimed (my gun/camera) into/past/away from the living room.

Aqui o caso de uma bala disparada de uma arma apontada exemplifica movimento real seguindo a trajetória fictiva pré-determinada. Em contraste, a câmera fornece uma instância de movimento fictivo seguindo a trajetória fictiva, com uma “sondagem” fotográfica assim estabelecida saindo da parte frontal da câmera.

Pode-se perguntar por que o exemplo da câmera está incluído aqui sob o tipo de trajeto de orientação denominado direcionamento, em vez de estar incluído abaixo na seção sobre trajetos sensoriais, juntamente com "*looking*". A razão é que o ato de olhar é normalmente tratado de forma diferente em inglês do ato de fotografar. Geralmente, não falamos em "mirar" ou "apontar" nosso olhar, e não concebemos o ato de olhar como envolvendo, a princípio, a definição de uma trajetória de direcionamento e, em então, uma visualização ao longo dessa trajetória.

2.5 Linha de visão

A **linha de visão** é um conceito inerente a uma série de padrões linguísticos, e talvez também um componente da estrutura perceptual. É uma linha intangível que surge do aparato visual localizado canonicamente na parte frontal de uma entidade animada ou mecânica. A discussão atual trata apenas do movimento lateral da linha de visão, em outras palavras, trata das mudanças em sua orientação. O movimento fictivo axial ao longo da linha de visão será discutido na seção sobre trajetos sensoriais. Uma evidência adicional para tratar a mudança da linha de visão como uma trajetória de orientação é que as sentenças que exibem esse fenômeno podem usar não apenas verbos sensoriais como *look*, mas também verbos não sensoriais, como *turn*.

Nos exemplos em (9), o objeto com a frente equipada com a visão - seja minha cabeça com os olhos ou a câmera com a lente - gira, causando, assim, o movimento lateral da linha de visão que emerge dessa parte frontal. A preposição de trajeto detalha o caminho específico

que a linha de visão segue. Considere como o movimento fictivo está em ação no caso da sentença como *I slowly turned /looked toward the door*. Uma preposição de trajetória como *toward* normalmente se refere a um objeto Figura que executa uma trajetória na direção do objeto Referência, em que a distância entre os dois diminui progressivamente. O que, porém, dentro da situação representada pela sentença exemplificada, poderia exibir essas características? O único objeto que se move fisicamente é a minha cabeça que gira, mas esse objeto permanece no mesmo local em relação à porta, não se aproximando dela. Aparentemente, o que a preposição “*toward*” nessa sentença se refere é o movimento da linha de visão que emerge dos meus olhos. Ao girar a cabeça adequadamente no sentido horário ou anti-horário, esta linha de visão segue de fato uma trajetória na direção da porta e diminui sua distância em relação a ela.

(9) *I slowly turned/looked-- // I slowly turned my camera--
toward the door./around the room./away from the window./
from the painting, past the pillar, to the tapestry.*

Podemos notar que o inglês permite que cada forma linguística em uma sucessão de indicações de trajetórias especifique um tipo diferente de movimento fictivo. Desse modo, em (10), a primeira forma que especifica a trajetória, o termo satélite *down*, indica um movimento lateral de uma linha de visão do tipo discutido nesta seção. Sob esta especificação, a interpretação provável é que minha linha de visão é inicialmente horizontal (*I am looking "straight ahead"*) e, em seguida, gira para baixo de modo a se alinhar com o eixo de um poço. A segunda forma espacial, a preposição *into*, indica que, uma vez que minha linha de visão está orientada em um ângulo para baixo, o movimento fictivo da minha visão se afasta axialmente de mim ao longo da linha de visão, assim, entrando no poço.

(10) *I quickly looked down into the well.*

3 TRAJETÓRIAS DE RADIAÇÃO

O segundo tipo de emanção a ser considerado é o de **trajetórias de radiação**. A conceptualização linguística de uma trajetória de radiação é de que a radiação emana continuamente de uma fonte de energia e se afasta continuamente. Esta radiação pode ainda ser entendida como um eixo linear e subsequentemente afetar um segundo objeto. Essa particularização adicional é o único tipo tratado aqui. Nesse tipo, então, o evento de radiação pode ser caracterizado como envolvendo três entidades: o radiador, a própria radiação e o objeto irradiado. E esse evento de radiação, então, envolve três processos: a (geração e) emanção de radiação do radiador, o movimento da radiação ao longo de uma trajetória e a interferência da radiação sobre o objeto irradiado. Uma trajetória de radiação se difere de uma trajetória de orientação na medida em que esta consiste no movimento de uma linha completamente imperceptível. Em uma trajetória de radiação, no entanto, pode-se frequentemente detectar realmente a presença de radiação - por exemplo, no caso de radiação da luz, pode-se ver a luz. O que não se pode detectar diretamente - e, portanto, o que permanece imperceptível - é qualquer movimento dessa radiação.

As sentenças em (11) refletem a caracterização anterior da radiação para o caso específico de luz na forma como elas são construídas linguisticamente. Essa construção linguística envolve principalmente as escolhas do sujeito, a preposição específica de trajeto e

do objeto preposicional. Em ambas as sentenças, então, a compreensão geral é que a luz visível é uma radiação; que o sol é a fonte de luz (talvez seja seu gerador, e pelo menos seu local de origem); que a luz emana do sol e se move de forma constante como um feixe ao longo de um trajeto linear através do espaço; e que a luz se move para dentro da caverna ou atinge sua parede dos fundos de forma a iluminar o local.

- (11) a. The sun is shining into the cave /onto the back wall of the cave.
b. The light is shining (from the sun) into the cave /onto the back wall of the cave.

Porém, não importa o quão convincente essa caracterização da radiação luminosa possa ser sentida, ela é, no final, puramente uma conceptualização. Embora os físicos possam nos dizer que os fótons, de fato, se movem do sol para o objeto irradiado, certamente não podemos realmente ver nenhuma ocorrência desse tipo. Portanto, qualquer correspondência entre a caracterização científica e a conceptualização do fenômeno deve ser meramente coincidência. Em outras palavras, o movimento de radiação do radiador até o irradiado deve ser um movimento fictivo. Como a visão direta não traz uma explicação sobre o movimento da luz, devem ser outros fatores que levam a uma conceptualização em termos de movimento para longe do sol e iremos especular sobre esses fatores na seção 6. Nesse ponto, no entanto, a tarefa é sugerir uma série de alternativas viáveis à conceptualização normal. Essas alternativas mostram que a única ocorrência dessa conceptualização não pode ser explicada em virtude de ser a única conceptualização possível.

Uma conceptualização possível é que há uma trajetória de radiação, mas que ela se move na direção contrária daquela na conceptualização prevalente. Imagine a seguinte situação. Toda matéria contém ou gera energia. O sol (ou uma entidade comparável) atrai essa energia. O sol capta essa energia para si mesmo quando há uma trajetória linear clara entre ele e a matéria. A matéria brilha quando a energia a deixa. O sol brilha quando a energia chega até ele. Uma descrição desse tipo é, em princípio, tão viável quanto a descrição comum. Na verdade, é necessariamente assim, porque qualquer fenômeno que pudesse ser explicado em termos de movimento imperceptível de A a B também deveria ser passível de explicação em termos de movimento imperceptível complementar de B para A. No entanto, por questões de igualdade de aplicabilidade, o fato é que esse cenário de direção contrária está ausente - e sofre objeção- no nosso aparato conceitual normal. E, certamente, está ausente nas construções linguísticas existentes. Assim, o inglês não tem sentenças como a (12), e suspeitamos que qualquer formulação equivalente esteja universalmente ausente nas línguas do mundo.

- (12) *The light is shining from my hand onto the sun.

A conceptualização de que um objeto como o sol, o fogo, um flash de luz produz luz que irradia de si para outro objeto é tão intuitivamente persuasivo que pode ser válido demonstrar a viabilidade da conceptualização de direção contrária em circunstâncias diferentes. Considere, por exemplo, um poste na vertical e sua sombra no chão. A conceptualização do sol como Fonte tem o poste como bloqueador da luz que, do contrário, se projetaria no chão logo atrás dele. Entretanto, a conceptualização de direção contrária funciona aqui também. O sol atrai energia da parte do poste de frente para ele, mas não pode fazer o mesmo com a parte do chão logo atrás do poste, pois não há uma trajetória clara entre essa parte do chão e o sol – o poste bloqueia o trânsito de energia na direção contrária. Pelo fato de que nenhuma energia é retirada da parte do chão atrás do poste, esta deixa de reluzir,

enquanto que as partes do chão adjacentes a ele, a partir das quais a energia é diretamente captada, reluzem.

Ou considere o fogo. Aqui pode-se perceber que as superfícies de algo de frente para o fogo são mais brilhantes que as demais e, também, é possível perceber que são mais quentes. Além disso, esse efeito é mais forte quanto mais se aproxima do fogo. Novamente, o fogo como Fonte tanto de luz quanto de calor não é a única conceptualização possível. A mesma concepção de direção contrária usada para o sol também é válida para o fogo. Os acréscimos nesse exemplo são que, quando o fogo atrai energia das partes de um corpo frente a ele, a emissão dessa energia causa não só brilho, mas também sensação de calor. (Tal calor é, naturalmente, também o caso do sol, porém, mais acentuado quando associado ao fogo e, portanto, reservado para o presente exemplo). E o outro fator adicional aqui é que a atração que o fogo exerce sobre um objeto como o corpo de alguém é mais forte à medida que se aproxima dele.

A conceptualização de direção contrária não é a única alternativa viável à conceptualização prevalente/predominante de uma trajetória de radiação, que é em si mesma um conjunto de fatores, os quais podem ser questionados. A alternativa de direção contrária tentou inverter a direcionalidade do movimento fictivo na conceptualização predominante/prevalente. Porém, também podemos avaliar o fator que prevê que uma trajetória de radiação se origina em um dos objetos físicos salientes e termina no outro. Portanto, podemos conferir a viabilidade de uma conceptualização em que a luz se origina em um ponto entre os dois objetos salientes e se movimenta fictivamente em direções opostas para afetar ambos os objetos. O exemplo (13) tenta captar essa conceptualização. No entanto, essa sentença não funciona linguisticamente, e a conceptualização que ela expressa parece completamente contraintuitiva.

(13) *The light shone out onto the sun and my hand from a point between us.

Outra suposição na conceptualização geral que podemos tentar questionar é de que a radiação se move de alguma forma. Talvez, a radiação não exiba o movimento fictivo de forma alguma, mas sim, repouse no espaço como um feixe de luz imóvel. Entretanto, sentenças como a (14) mostram que essa conceptualização, também, não tem viabilidade linguística ou intuitiva.

(14) *The light hung between the sun and my hand.

4 TRAJETÓRIAS DE SOMBRA

O terceiro tipo de emanção que consideramos é o de **trajetória de sombra**. A conceptualização linguística - e talvez também a percepção - de uma trajetória de sombra é que a sombra de algum objeto visível em alguma superfície se moveu fictivamente desse objeto para aquela superfície. Frases como as apresentadas em (15) mostram que o inglês sugere uma conceptualização desse tipo por meio da sua construção linguística. Assim, essas sentenças definem a expressão nominal que se refere à sombra como a Figura; o objeto que cria a sombra como a Fonte; a superfície sobre a qual a sombra está localizada como o objeto Fundo, que aqui funciona como Alvo. As sentenças também definem o predicado como um verbo de movimento, como *throw*, *cast* ou *project*; e uma preposição de trajetória, como *into*, *onto*, *across* ou *against*.

- (15) a. The tree threw its shadow down into/across the valley.
 b. The pillar cast/projected a shadow onto/against the wall.

Podemos notar que, com trajetórias de radiação, seria concebível argumentar que a direção do movimento fictivo vem, digamos, do sol em direção à minha mão, porque essa é a direção na qual os fótons realmente trafegam. Mas, apesar de um argumento fraco como esse poder ser sustentável, até mesmo esse argumento não poderia ser usado no caso das trajetórias de sombra. Pois não há teoria da Física de partículas que postule a existência de “sômbrons” que se movem de um objeto até o contorno de sua sombra.

5 TRAJETÓRIAS SENSORIAIS

Uma categoria das trajetórias de emanção bem representadas na linguagem é a de **trajetórias sensoriais**, incluindo as trajetórias visuais. Esse tipo de movimento fictivo inclui a conceptualização de duas entidades, o **Experienciador** e o **Experienciado**, e de algo intangível que se move em uma trajetória reta entre as duas entidades em uma direção ou outra. Por uma perspectiva dessa conceptualização, o Experienciador emite uma **Sonda** que se move do Experienciador para o Experienciado e a detecta ao encontrá-la. Esse é um tipo de trajetória sensorial do “Experienciador como Fonte”. Por outra perspectiva da conceptualização, o experienciado emite um **Estímulo** que se move do Experienciado ao Experienciador e sensorialmente estimula a entidade ao encontrá-la. Esse é um tipo de trajetória sensorial do “Experienciado como Fonte”. A visão, em particular, é então tratada ou como um sistema de sondagem que emana ou que é projetado adiante como um visualizador de modo a detectar algum objeto a uma distância, ou como uma qualidade visual que emana de algum objeto distal e chega a um indivíduo, estimulando, dessa forma, uma experiência visual. Podemos, a princípio, ilustrar esse fenômeno usando um verbo não-agentivo lexicalizado de modo a tomar o Experienciador como sujeito, ou seja, *see*. Em (16) as duas trajetórias de movimento fictivo orientadas de maneira oposta são representadas por dois sintagmas de trajetória diferentes.

- (16) a. The enemy can see us from where they’re positioned.
 b. ? The enemy can see us from where we’re standing.

Alguns falantes têm dificuldade em perspectivizar o experienciador como fonte na sentença (16b), mas essa dificuldade geralmente desaparece na sentença passiva equivalente, conforme demonstrado em (17b).

- (17) a. We can be seen by the enemy from where they’re positioned.
 b. We can be seen by the enemy from where we’re standing.

Porém, geralmente, não há quaisquer problemas quanto às trajetórias sensoriais não-visuais, tais como a audição e o olfato, conforme apresentado no exemplo (18):

- (18) a. I can hear/smell him all the way from where I’m standing.
 b. I can hear/smell him all the way from where he’s standing.

A conceptualibilidade bidirecional das trajetórias sensoriais também podem ser vistas em lexicalizações alternativas. Assim, entre os verbos de visão não-agentivos em inglês, o verbo *see* é lexicalizado para tomar o Experienciador como sujeito e o Experienciado como objeto direto, promovendo, assim, a interpretação do Experienciador como Fonte. Mas o verbo *show* é lexicalizado para tomar o Experienciado como sujeito e pode assumir o Experienciador como o objeto da preposição *to*, desse modo promovendo a interpretação do Experienciado como Fonte, conforme exemplificado em (19):

- (19) a. Even a casual passer-by can see the old wallpaper through the paint.
 b. The old wallpaper shows through the paint even to a casual passer-by.

Apesar dessas formas de direcionalidade alternativa, trajetórias visuais fictivas podem geralmente favorecer o Experienciador como Fonte. É o caso do inglês, em que algumas formas com o Experienciador como Fonte apresentam dificuldades para alguns falantes, e o uso de um verbo como *show* é mínimo com relação ao de um verbo como *see*. Além disso, verbos agentivos de visão em inglês são exclusivamente lexicalizados para o Experienciador como sujeito e podem assumir sintagmas direcionais apenas com o Experienciador como Fonte. Como mostrado em (20a), é o caso do verbo “*look*”, que toma o Experienciador por sujeito e permite uma gama de preposições direcionais. Aqui, a conceptualização parece ser de que o sujeito Agente voluntariamente projeta sua linha de visão como uma Sonda a partir de si mesmo como Fonte ao longo da trajetória especificada pela preposição com relação a um Objeto Referência⁶ (o Experienciado não é nomeado nesse tipo de construção). No entanto, não há construção como (20b) com *look* em que a trajetória visual possa ser representada como se movendo em direção ao Experienciador como meta.

- (20) a. I looked into/ toward/past/away from the valley.
 b. *I looked out of the valley (into my eyes).
 < where I am located outside the valley >

6 TIPOS DE EMANAÇÃO: UM PRINCÍPIO UNIFICADOR E UM FATOR EXPLICATIVO

Até aqui, o presente capítulo definiu os fenômenos linguísticos de primeira ordem que manifestam diferentes tipos de emanação fictiva. Agora é o momento de considerar os princípios regentes e o contexto que generaliza tais fenômenos.

Anteriormente, as conceptualizações associadas aos diferentes tipos de emanação foram tratadas como distintas. Porém, inerente a tal diversidade, pode-se discernir similaridades que unem os diferentes tipos e pode-se postular fenômenos ainda mais complexos os quais podem explicar sua existência. Apresentamos aqui um princípio unificador e um fator explicativo.

6.1 Princípio que determina a fonte de emanação

Para os tipos de emanações em que uma trajetória fictiva se estende entre dois objetos, podemos buscar assegurar um princípio cognitivo que determina qual dos dois objetos será conceptualizado como fonte da emanação, enquanto o outro objeto é entendido como o alvo. Sob investigação, o seguinte princípio cognitivo parece ser o principal em operação: o objeto

considerado mais ativo ou determinante dos dois é conceptualizado como a fonte da emanção. Isso será chamado de **princípio ativo determinante**.

Podemos percorrer as diversas realizações desse princípio que operaram nos diferentes tipos de emanção. Portanto, assim como entre o sol e a minha mão, ou o sol e a parede da caverna, o sol é percebido como o objeto mais reluzente dos dois. Essa maior luminescência parece levar à interpretação de que o sol é o objeto mais ativo, principalmente mais energético ou potente. Pela operação do princípio ativo-determinante, o sol será conceptualizado, e talvez percebido, como a fonte da radiação que se move pelo espaço para afetar o outro objeto, em vez de qualquer outra das conceptualizações alternativas viáveis apresentadas anteriormente.

Outra aplicação do princípio ativo-determinante pode ser vista em trajetórias de sombra. Entre, digamos, um poste e sua sombra, o poste é a entidade mais determinante, enquanto a sombra é a entidade mais contingente ou dependente. Isto é entendido a partir de evidências, como, por exemplo, em situação completa escuridão ou em luz totalmente difusa, o poste ainda existe, mas nenhuma sombra está presente. Além disso, pode-se mover o poste e a sombra se moverá junto com ele, enquanto que não existe uma operação comparável na sombra. Pela operação do princípio ativo-determinante, o objeto portador da sombra é, dessa forma, conceptualizado como o seu gerador e, então, se move fictivamente a partir desse objeto para uma superfície indicada. Em outras palavras, é pela operação do princípio que essa interpretação da direção do movimento fictivo prevalece, em vez de qualquer interpretação alternativa, como a de que sombra se move da superfície indicada para o objeto físico.

Outra percepção do princípio ativo-determinante pode ser vista no caso das trajetórias sensoriais agentivas, isto é, aquelas com um Experienciador que age como um Agente intencional bem como com uma entidade Experienciada. Aqui, parece que até mesmo a propriedade de agentividade exercida leva à interpretação de que o Agente é mais ativo do que a entidade Experienciada, que é inanimada ou que, no momento, não manifesta agentividade relevante. Pela operação do princípio ativo-determinante, então, o experienciador agentivo é conceptualizado como a Fonte da trajetória sensorial, cujo movimento fictivo, assim, transfere-se do Experienciador ao Experienciado. No exemplo visual apresentado anteriormente, *I looked into the valley*, o referente *I* é entendido como um Experienciador agentivo, enquanto que o referente *valley* é entendido como uma entidade Experienciada não agentiva; o princípio ativo-determinante exige que o Experienciador seja conceptualizado como a Fonte do movimento sensório fictivo, e essa, na verdade, é a única interpretação disponível para a sentença.

O princípio ativo-determinante também é válido para os tipos de trajetórias de orientação que são agentivos, por exemplo, trajetórias de alvo e trajetórias demonstrativas agentivas, em que a entidade ativa e determinante na situação é o agente que define a orientação do objeto com uma parte frontal, como uma câmera ou o próprio braço do agente com o dedo indicador estendido. Com o nosso princípio aplicado novamente de forma correta, será esse objeto, posicionado em um lugar ativo-determinante, que será conceptualizado como a fonte da emanção fictiva.

O fato de que trajetórias sensoriais não-agentivas podem ser conceptualizadas como se movendo em qualquer uma das direções opostas pode inicialmente parecer desafiar o princípio de que a entidade mais ativa ou determinante é tratada como a fonte da emanção fictiva. Mas esse não é necessariamente o caso. Pode ser que qualquer um dos objetos possa, por critérios diferentes, ser interpretado como aquele que é mais ativo que o outro. Por exemplo, por um conjunto de critérios, um Experienciador agindo de forma não-agentiva, do

qual se pensa emanar uma sonda detectora, é interpretado como mais ativo que a entidade sondada. Mas por um conjunto alternativo de critérios, a entidade Experienciada, a qual se pensa emitir um estímulo, é interpretada como sendo mais ativa que a entidade estimulada por ela. Portanto, o princípio ativo-determinante é salvo. A tarefa restante é determinar os critérios cognitivos adicionais que determinam maior atividade para um conjunto de fenômenos ou para um conjunto concorrente, e que estão em atividade na ausência dos critérios já conhecidos do princípio (por exemplo, maior agentividade ou energia).

Por fim, existe um tipo de emanação remanescente para o qual o princípio ativo-determinante não se aplica obviamente de qualquer maneira direta, ou seja, os tipos de trajetórias de orientação não-agentivas: trajetórias de prospecção, trajetórias de alinhamento e trajetórias demonstrativas não-agentivas. Nesses casos, o movimento fictivo emana de apenas uma das duas entidades relevantes, porém, tal entidade não é, aparentemente, a mais ativa ou determinante das duas. No entanto, em casos como esses, a direcionalidade do movimento fictivo pode ser definida indiretamente pelo mapeamento conceptual, na configuração, de casos determinados pelo princípio, conforme descrito na próxima seção.

6.2 Possível base de emanação fictiva e seus tipos

Se determinamos corretamente que a entidade mais ativa ou determinante é conceptualizada como a Fonte de emanação fictiva, a próxima pergunta a ser feita é por que isso ocorre. Especulamos aqui que o princípio ativo-determinante é uma consequência de um sistema cognitivo fundamental que todo indivíduo senciente possui e experiencia, o de “agentividade”. Especificamente, o exercício da agentividade pelo indivíduo funciona como o modelo para a Fonte de emanação. Continuamos céticos sobre o fato de tal conexão ser aprendida ou inata. Se for aprendida ao longo de seu desenvolvimento, então cada experiência individual de agentividade leva por etapas/aos poucos à conceptualização de emanação fictiva. Se for inata, então algo similar às mesmas etapas pode ter sido transposto por configurações neurais geneticamente determinadas ao longo de sua evolução. De uma forma ou de outra, podemos sugerir algo sobre as etapas e suas consequentes inter-relações.

O exercício de agentividade pode ser entendido como tendo dois componentes, a geração de uma intenção e a realização dessa intenção (cf. caps. I-4 e I-8). Uma intenção pode ser entendida como o desejo de alguém pela existência de algum novo estado de coisas, em que se tem a capacidade de agir de uma maneira que vai causar esse estado de coisas. O componente de realização, então, é a execução de ações que causem o novo estado de coisas. Tal exercício de agentividade é experienciado como ativo e determinante. É ativo porque envolve a geração de intenções e ações e, também, determinante porque remodela as condições para estarem de acordo com os desejos de alguém. Desse modo, a experiência do indivíduo com relação às características da agentividade podem fornecer o modelo para o princípio ativo-determinante.

A forma específica de agentividade que pode melhor servir como modelo é a de um agente que afeta um objeto físico distal - o que pode ser chamado de **padrão de objeto distal agentivo**⁷. Aqui, um Agente que pretende afetar o objeto distal deve mover-se em direção a ele com todo o seu corpo, alcançando-o com uma parte do mesmo ou pode levar (jogando, por exemplo) algum objeto intermediário para movê-lo. As características relevantes do modelo dessa forma de agentividade são que o evento determinante, o ato de intenção, ocorre no locus inicial do Agente e a atividade subsequente que finalmente afeta o objeto distal progride pelo espaço desde esse locus inicial até o objeto. Porém, essas são também as características do

princípio ativo determinante: a entidade mais ativa ou determinante é a Fonte a partir da qual o movimento fictivo emana através do espaço até atingir a entidade menos ativa ou determinante, o objeto distal. Assim, pode-se postular que o padrão de agentividade o qual afeta um objeto distal é o modelo em que se baseia o princípio ativo determinante.

Em particular, podemos ver como o padrão de objeto distal agentivo pode servir como o modelo para as duas principais formas agentivas de emanção, a saber, trajetórias demonstrativas agentivas e trajetória sensoriais agentivas. Considerando primeiramente o caso anterior, o padrão de objeto distal agentivo específico de estender o braço para alcançar algum objeto pode funcionar como modelo para trajetórias demonstrativas agentivas, tais como um Agente que estende seu braço e aponta com o dedo. Em ambos os casos, o braço estendido tipicamente exhibe movimento real para longe do corpo ao longo de uma linha que se conecta com o objeto alvo, em que, quando totalmente estendido, o eixo linear do braço coincide com sua trajetória de movimento. Possivelmente, alguma função é desempenhada pelo fato de que a extremidade do braço com menor diâmetro, os dedos, conduzem o movimento de extensão do braço e se situa mais distante do objeto ao longo da linha quando o braço está totalmente estendido. Tal trajetória demonstrativa agentiva pode, por sua vez, servir como modelo para o tipo não-agentivo, por exemplo, aquele associado a uma figura de uma seta, cujo eixo linear também coincide com a linha entre a seta e o objeto distal e cuja a extremidade com menor diâmetro é a mais próxima do objeto distal e a extremidade conceptualizada como a Fonte de onde a linha demonstrativa emana.

De modo similar, podemos ver paralelos entre o padrão de objeto distal agentivo, em que um Agente executa movimento factivo em direção ao objeto distal, e trajetórias sensoriais visuais agentivas, em que um Experienciador projeta uma linha de visão fictiva a partir dele para o objeto distal. Especificamente, assim como o Agente, o Experienciador é ativo e determinante; assim como o Agente, o Experienciador tem uma parte frontal; assim como o Agente se movendo ao longo de uma linha reta entre sua parte frontal e o objeto distal, a linha de visão intangível se move em uma linha reta entre a parte frontal do Experienciador e o objeto distal; assim como essa linha se afasta do local inicial do Agente, a trajetória sensorial visual se afasta do Experienciador como Fonte; assim como o movimento do Agente continua ao longo dessa linha até atingir o objeto, a trajetória sensorial visual progride até encontrar o objeto distal. Portanto, a percepção do movimento do Agente no mundo físico parece ser mapeada na conceptualização de uma entidade intangível se movendo ao longo de uma linha. Novamente, tal mapeamento pode tanto ser o resultado de aprendizado durante o desenvolvimento do indivíduo quanto ter sido evolutivamente incorporado ao aparato perceptual e conceptual do cérebro. De uma forma ou de outra, a produção de movimento factivo de um organismo pode se tornar a base para a conceptualização do movimento fictivo.

Por sua vez, esse tipo visual agentivo de emanção fictiva pode servir como o modelo para vários tipos de emanção não-agentiva. Em particular, essa modelagem pode ocorrer por mapeamento conceptual ou sobreposição de uma imagem esquematizada – aquela da parte frontal do Experienciador que emite uma linha de visão que avança em contato com um objeto distal em situações que favorecem uma divisão em componentes comparativamente relacionados. Assim, em um tipo prospectivo de trajetória de orientação, o componente Experienciador pode ser sobreposto a, digamos, um penhasco, com a face correspondendo à parede do penhasco, e com a trajetória visual mapeada no componente esquemático conceptualizado de uma linha de perspectiva que se afasta da parede, e com o objeto distal mapeado em uma perspectiva em direção a qual a linha prospectiva progride.⁸

De forma semelhante, o esquema para a trajetória visual agentiva pode ser mapeado na situação de radiação, em que o Experienciador, como o agente ativo determinante, está

associado ao componente mais energético da cena de radiação - o componente mais brilhante no caso da luz, o sol. A trajetória visual é mapeada na própria radiação, por exemplo, a luz visível no ar (especialmente, digamos, um feixe de luz, como através de uma abertura na parede) e o objeto distal é mapeado no objeto menos brilhante na cena. A direção do movimento conceptualizada para a trajetória visual também é mapeada na radiação, que assim é conceptualizada como o movimento do objeto mais brilhante para o objeto mais opaco. Uma associação desse tipo pode explicar porque muita da iconografia popular retrata o sol ou a lua como tendo uma face que olha para adiante.

Quanto às trajetórias de sombra, o modelo pode ser a situação na qual o Experienciador agentivo está em pé e visualiza sua própria sombra a partir de sua localização. Novamente, a trajetória visual que se move do Experienciador para a localização da sombra no chão é mapeada para a conceptualização da trajetória fictiva que a própria sombra atravessa de um corpo sólido para o chão. Um reforço para esse mapeamento é que o Experienciador é determinante como Agente e que o objeto sólido é determinante sobre a sombra dependente dele.

Os únicos tipos de emanção ainda não discutidos em termos de mapeamento são as trajetórias sensoriais não-agentivas que podem avançar em ambas as direções. A direção do Experienciador para o Experienciado é clara, pois é a mesma para a visualização agentiva. Podemos levar em consideração o caso reverso - em que o Experienciado emite um Estímulo - com base no fato de que ele, também, pode servir como um quadro receptivo no qual se sobrepõe o modelo de um Agente que emite uma trajetória visual. O que isso requer é simplesmente a conclusão de que a conceptualização de um objeto que emite um Estímulo pode ser tomada como ativa o suficiente para ser tratada como um tipo de agentividade modesta em si mesma, e, portanto, justificar essa sobreposição conceptual de um Agente sobre ela.

7 RELAÇÃO DE EMANAÇÃO NA LINGUAGEM COM EQUIVALENTES/CONTRAPARTES EM OUTROS SISTEMAS COGNITIVOS

Nesta seção, apresentaremos uma série de similaridades aparentes na estrutura ou no conteúdo entre a categoria de emanção de movimento fictivo na linguagem e equivalentes/contrapartes de emanção em sistemas cognitivos que não a linguagem. Consideramos, principalmente, as semelhanças que a linguagem tem com a percepção, com a estrutura conceptual cultural e com a iconografia popular, que pode ser considerada como uma expressão simbólica concreta da estrutura perceptual. Conforme mencionado na introdução, a breve descrição do nosso modelo de organização cognitiva irá fornecer o contexto para essa comparação.

7.1 “Sistemas sobrepostos”: um modelo de organização cognitiva

As linhas convergentes, em termos de evidência, na pesquisa deste autor e de outros, indicam o seguinte modelo de organização cognitiva humana: a cognição humana compreende uma série de sistemas cognitivos relativamente distinguíveis de abrangência consideravelmente extensa. Esta pesquisa considerou semelhanças e diferenças de estrutura – em particular, de estrutura conceptual – entre a linguagem e cada um dos outros sistemas cognitivos: percepção visual, percepção cinestésica, raciocínio, atenção, memória,

planejamento e estrutura cultural. O resultado geral é que cada sistema cognitivo tem algumas propriedades estruturais que podem ser exclusivas; outras propriedades estruturais que ele compartilha com apenas um ou com outros sistemas cognitivos; e algumas propriedades estruturais fundamentais que ele tem em comum com todos os sistemas cognitivos. Argumentamos que cada um desses sistemas cognitivos é mais integrado e interpenetrado com conexões de outros sistemas cognitivos do que é previsto pela noção estrita de modularidade (cf. Fodor, 1983). Chamamos essa perspectiva de **sistemas sobrepostos**: um modelo de organização cognitiva (a introdução a este volume fornece maiores detalhes).

7.2 Emissão fictiva e percepção

Os conjuntos visuais que poderiam produzir paralelos perceptuais ao tipo de emissão de movimento fictivo tem sido relativamente menos investigados pelos métodos psicológicos do que o caso de outras categorias de movimento fictivo (ver adiante). Um fenômeno perceptual relacionado às trajetórias de orientação foi demonstrado por Palmer (1980) e Palmer e Bucher (1981). Em seus estudos, os autores descobriram que, em certos conjuntos compostos de triângulos equiláteros coorientados, os sujeitos percebem todos os triângulos imediatamente, apontando na direção de um ou outro de seus vértices comuns de cada vez. Ao mover o conjunto na direção de um dos vértices comuns se favorece a percepção de que se aponta na direção desse vértice, embora esses experimentos não comprovem a percepção de uma linha intangível que emerge de um vértice atualmente experienciado como a “frente” apontada de cada triângulo ou do conjunto de triângulos. Pode-se precisar de experimentos, por exemplo, que comprovem qualquer diferença na percepção por parte do sujeito de uma imagem mais distante, dependendo se uma linha fictiva foi ou não notada como emergindo do conjunto de triângulos e passando por aquela imagem. Porém, a confirmação de um análogo perceptual às trajetórias de emissão deve ser submetida à pesquisa.

Podemos notar que o trabalho de Freyd sobre “momento representacional” (Freyd, 1987) não demonstra a percepção de trajetórias de orientação. Esse trabalho envolveu a apresentação sequencial de uma imagem em localizações sucessivamente mais avançadas. Os sujeitos, de fato, mostraram uma preferência por perceber a última imagem apresentada mais à frente do que a sua localização real. Entretanto, esse efeito é provavelmente devido à progressão factiva da imagem. Para avaliar o equivalente/a contraparte perceptual das trajetórias de orientação linguística, experimentos desse tipo seriam necessários para testar os sujeitos na apresentação de uma única imagem que contenha uma figura projetada para frente com uma parte frontal intrínseca.

A representação consistente e extensiva da emissão fictiva na linguagem requer investigação psicológica para avaliar os paralelos a essa categoria de movimento fictivo na percepção. Isto é, a questão permanece quanto ao fato de as disposições experimentais apropriadas mostrarem percepções específicas para essa categoria que estão de acordo com o padrão de fictividade geral; portanto, com a percepção simultânea de duas representações discrepantes, uma delas mais palpável e verídica do que a outra. Considere, por exemplo, os conjuntos visuais que incluem vários objetos com uma parte frontal, designados para testar a percepção de trajetórias de orientação fictiva em seus vários tipos distintos – trajetórias de prospecção, trajetórias de alinhamento, trajetórias demonstrativas e trajetórias de alvo. Seria necessário determinar se os sujeitos, ao visualizarem esses conjuntos, veriam a imobilidade factiva dos objetos retratados no nível totalmente palpável da percepção, mas

simultaneamente perceberiam o movimento fictivo de algo intangível que emana das partes frontais dos objetos em um nível de percepção vagamente palpável.

De modo similar, para investigar os equivalentes/as contrapartes visuais das trajetórias linguísticas de radiação, a pesquisa precisará testar algo como uma percepção fictiva e menos palpável de movimento ao longo de um feixe de luz em uma direção oposta ao objeto mais brilhante, uma percepção que é simultânea, e talvez sobreposta, à percepção factiva e mais palpável do feixe de luz como estático. Comparativamente, para testar um paralelo visual para as trajetórias linguísticas de sombra, os procedimentos experimentais precisarão investigar se os sujeitos, ao verem uma cena que contém um objeto e sua sombra, tem algum percepção fictiva, menos palpável da sombra como tendo se movido do objeto à superfície na qual aparece, simultaneamente com uma percepção factiva e palpável de que tudo dentro da cena está imóvel. Finalmente, para verificar um análogo perceptual de trajetórias sensoriais na linguagem, pode-se usar tanto uma cena que retrate alguém olhando ou o processo próprio do sujeito de olhar as entidades para avaliar se os sujeitos simplesmente percebem um conjunto estático de entidades ou sobrepõem àquele conjunto uma percepção menos palpável de movimento ao longo da linha de visão de sondagem. Na verdade, uma série de experimentos (por exemplo, Winer & Cotrell, 1996) – embora não sonde diretamente a percepção do indivíduo sobre o processo alheio de empregar a visão, efetivamente sonda as crenças desse indivíduo a esse respeito. Esse estudo demonstrou que um alto índice de sujeitos, desde crianças em fase escolar até adultos em nível universitário, preferencialmente sustentam a noção de extramissão – a noção de que a visão envolve algo que emerge dos olhos – em detrimento da noção de intromissão. Os sujeitos apresentam essa preferência pela extramissão tanto nas respostas a perguntas quanto, e mais significativamente, a imagens em computação gráfica que exibem algo em movimento, em qualquer que seja a direção, entre um observador retratado e um objeto visualizado.

7.3 Emissão fictiva e iconografia popular

As representações fictivas que normalmente são percebidas em um nível inferior de palpabilidade podem, às vezes, ser modeladas por representações totalmente palpáveis. Um exemplo a ser apresentado adiante é o uso de desenhos em formato de palito ou de esculturas feitas com limpadores de cachimbo (os *pipe cleaners*) para representar, de modo explícito, a estrutura esquemática dos objetos, que normalmente é apenas percebida. Do mesmo modo, vários outros aspectos da emissão fictiva, geralmente apenas percebidos, têm sido explicitados nas representações concretas da iconografia popular.

Por exemplo, as trajetórias sensoriais fictivas do tipo visual agentivo são linguisticamente conceptualizadas como linhas intangíveis que um Agente projeta no espaço diante de seus olhos em contato com os objetos distais. No entanto, essa é exatamente a natureza da “visão de raio-X” do Super-homem, como retratada em histórias em quadrinhos. O Super-homem emite, com seus olhos, um feixe de raios-X que penetra materiais opacos de forma a atingir um objeto obscuro, de modo que ele seja visto. Observe que a visão de raio-X do Super-homem não é descrita como estímulos que emanam do objeto obscuro e alcançam em direção aos olhos do Super-homem, onde eles poderiam ser registrados perceptualmente. Essa direção de trajetória Experienciado-Experienciador poderia ser esperada devido a nossa compreensão sobre o equipamento de raio-X, em que a radiação se move do equipamento para uma chapa fotográfica na qual a imagem é registrada. Essa chapa poderia ter sido

equiparada aos olhos do Super-homem, mas o modelo conceptual no qual o Agente emite uma Sonda sensorial parece imperar na representação do desenho.

Há um exemplo comparável baseado no fato de que a conceptualização linguística de um Agente, que emite uma Sonda visual, é representada não apenas pelas construções gramaticais e outras formas de categoria fechada, mas também por expressões metafóricas. Desse modo, a expressão *to look daggers at*, como em *Jane looked daggers at John*, representa a noção de que a fisionomia de Jane, a qual reflete o sentimento atual de ódio por John, pode ser elaborada como a projeção de armas que partem de seus olhos em direção ao John. De fato, as descrições do desenho realmente mostram uma linha de adagas que partem dos olhos do experienciador em direção ao corpo do experienciado.

A conceptualização linguística das trajetórias demonstrativas fictivas que emergem da parte frontal de tipo ponta de um objeto linear, como resultante de um dedo apontado, também parece estar em conformidade com um tipo de representação iconográfica. Essa é a representação de um feixe de superpoderes que um Agente pode projetar a partir das pontas dos seus dedos estendidos. Por exemplo, os filmes e as revistas de histórias em quadrinhos frequentemente têm dois feiticeiros em combate, que erguem suas mãos estendidas e direcionam feixes destrutivos um para o outro.

Finalmente, são observações do autor - embora seja necessário um estudo cuidadoso -, no processo de desenho esquemático do sol por uma criança ou adulto, após completar a parte circular da figura, as linhas representantes de sua radiação, são desenhadas radialmente para fora do círculo, não para o seu interior.

Se esse for o caso, esse procedimento iconográfico reflete a conceptualização linguística de trajetórias fictivas de radiação que emanam e se afastam do objeto mais brilhante. Além disso, as representações iconográficas do sol e da lua normalmente retratam uma face do objeto, de forma a representar esse objeto como contendo ou envolvendo um Agente que emite a radiação de luz. Conforme observado na seção 6.2, uma representação desse tipo pode ser atribuída ao mapeamento do esquema da trajetória sensorial visual agentiva sobre o cenário de radiação, do mesmo modo que ela pode ser mapeada em outros tipos de movimento fictivo.

7.4 Relação de emanção fictiva para a física fantasmagórica e os outros fenômenos antropológicos

Podemos identificar uma similaridade marcante entre o movimento fictivo – em particular, trajetórias de orientação – e as propriedades apresentadas por fantasmas ou espíritos nos sistemas de crença de muitas culturas tradicionais. O antropólogo Pascal Boyer (1994) vê essas propriedades como um sistema conceptual culturalmente coerente e dominante, o qual ele chama “física fantasmagórica”. Boyer defende que os fenômenos espirituais e fantasmagóricos obedecem todas as expectativas causais para entidades físicas ou sociais, com apenas algumas exceções que funcionam como “atratores de atenção”. Algumas dessas exceções têm uma ampla ocorrência em muitas culturas, tais como a invisibilidade ou a capacidade de passar por paredes ou outros objetos sólidos; porém, outros tipos de potenciais exceções - que em outras condições poderiam parecer apenas adequadas para a conceptualização enquanto propriedades especiais - parecem, pelo contrário, nunca ocorrerem. Um exemplo disso é a causalidade temporalmente reversa; isto é, sistemas de crenças culturais parecem, de modo universal, pecar pela ausência do conceito de que um fantasma pode, em um determinado ponto no tempo, provocar algumas situações em um ponto anterior do tempo.

Boyer não tem explicação para a seleção de exceções específicas que ocorrem na física fantasmagórica e pode, até mesmo, considerá-las arbitrárias. No entanto, podemos sugerir que o modelo de propriedades padrões e especiais é estruturado e baseado em princípios cognitivos. Na verdade, os resultados relatados neste capítulo podem suprir o relato pendente. Os fenômenos excepcionais constatados na física fantasmagórica podem ser os mesmos de certos fenômenos cognitivos que já existem em outros sistemas cognitivos e, então, são captados em atribuições espirituais culturais. A expressão linguística de trajetórias demonstrativas fictivas e seu equivalente gestual podem muito bem fornecer as propriedades relevantes.

Para considerar o gesto primeiro, se eu, por exemplo, estou dentro de uma construção sem janela e me pedem para apontar em direção à próxima cidade, eu não irei, através de gesticulações, indicar uma trajetória que começa no meu dedo, dirige-se para a entrada, sai do prédio, vira-se e depois se move na direção da cidade. Pelo contrário, eu simplesmente estenderei meu braço com meu dedo apontado na direção da cidade, independentemente da estrutura ao meu redor. Ou seja, a trajetória demonstrativa, efetivamente conceptualizada como uma linha intangível que emerge do dedo, tem ela mesma as seguintes propriedades essenciais: (i) é invisível; (ii) passa por paredes – as mesmas propriedades atribuídas aos espíritos e aos fantasmas.

Essas mesmas propriedades se mantêm para a conceptualização que acompanha a expressão linguística de trajetórias demonstrativas fictivas. Por exemplo, em um conjunto de sentenças “*this arrow points to/toward/ past/away from the town*”, o uso de quaisquer das preposições direcionais sugere a conceptualização de uma linha intangível que emerge da extremidade frontal da seta, segue um curso em linha reta ligado ao eixo da seta, e, move-se ao longo da trajetória representada pela preposição. Mais uma vez, a linha imaginária é invisível e seria entendida como passando por quaisquer objetos materiais presentes em sua trajetória.

Além de tais trajetórias demonstrativas, podemos observar relações complementares entre as conceptualizações culturais e outro tipo de emanção fictiva, a das trajetórias visuais agentivas. Em primeiro lugar, considere a noção de “mau olhado”, encontrada nos sistemas conceptuais de muitas culturas. Em uma concepção frequente de mau olhado, um agente que nutre sentimentos malignos por outra pessoa é capaz de transmitir as propriedades prejudiciais desses sentimentos através da linha de seu olhar em direção a outra pessoa. Esse é o mesmo esquema da trajetória visual fictiva: o Agente como Fonte que projeta para frente algo intangível ao longo de sua linha de visão para encontrar um objeto distal. Em segundo lugar, um caso específico é encontrado no conto popular da tribo Clackamas Chinook (Jacobs, 1958) sobre o bisneto do Sol. O poder espiritual desse jovem é o fogo e, particularmente, ele incendeia qualquer objeto ao qual direciona o olhar. Novamente, a conceptualização aqui é de que, aparentemente, o poder pessoal do Agente emana de si e segue ao longo de sua linha de visão, para ser executado ao atingir o extremo do objeto distal.

As relações entre o movimento fictivo e as conceptualizações culturais se prolongam ainda mais. Pode-se considerar tais concepções culturais amplamente observadas como aquelas de força sobrenatural, poder, campos de força vital, ou influência mágica que emanam das entidades; essas formas de energia imaginária – tais como as emanções fictivas de perspectivização conceptual linguística – são conceptualizadas (e percebidas?) como sendo invisíveis e intangíveis, como sendo (geradas e) emitidas por alguma entidade, como sendo propagadas em uma ou mais direções para longe de tal entidade, e em algumas formas como estando em contato com uma segunda entidade distal que elas podem afetar. O paralelo estrutural entre os conceitos antropológicos de emanção e o tipo de emanção de movimento

fictivo que descrevemos aqui para a linguagem é evidente e exprime uma conexão cognitiva mais profunda.

Parece, então, que o complexo de fictividade geral produz os esquemas imaginários de movimento fictivo nos sistemas cognitivos, não apenas da linguagem e da percepção visual, mas também da cognição cultural, especificamente em suas conceptualizações de espírito e poder. Isto é, no sistema cognitivo cultural, a estrutura de tais concepções, como os fenômenos fantasmagóricos, influências maléficas, e energias mágicas, parecem não ser arbitrárias. Elas também não exibem o seu próprio modo de perspectivização conceptual ou constituem seu próprio domínio de construtos conceptuais do tipo postulado, por exemplo, por Keil (1989) e Carey (1985) para outras categorias de fenômenos cognitivos. Ao invés disso, é provável que seja a mesma instância de organização conceptual ou uma paralela à já existente em outros sistemas cognitivos. No que diz respeito à estrutura de “sistemas sobrepostos” esboçada anteriormente, a fictividade geral desse tipo é, assim, uma área de sobreposição entre, pelo menos, três sistemas cognitivos de linguagem, de percepção visual, e de cognição cultural.

8 CATEGORIAS COMPLEMENTARES DE MOVIMENTO FICTIVO

Como mostrado anteriormente, a linguagem exhibe diversas categorias de movimento fictivo, além do tipo de emanção tratado até agora. Aqui, abordamos brevemente cinco categorias complementares; para cada uma, sugerimos alguns paralelos na percepção visual que já foram ou que poderiam ser investigados⁹. A finalidade desta seção é expandir tanto o escopo linguístico quanto o escopo do potencial paralelismo entre linguagem e percepção. Nos exemplos seguintes, as sentenças de movimento fictivo são fornecidas como recurso de comparação para sentenças equivalentes de movimento factivo, apresentadas entre colchetes.

8.1 Trajetórias padrão

A categoria de **trajetórias padrão** de movimento fictivo na linguagem envolve a conceptualização fictiva de alguma configuração que se move através do espaço. Nesse tipo, o sentido literal de uma sentença retrata o movimento de alguma disposição de substância física ao longo de uma trajetória específica, enquanto nós, factivamente, acreditamos que essa substância ou é estática ou se move de algum outro modo que não ao longo da trajetória representada. Para o efeito fictivo ocorrer, as entidades físicas devem exhibir factivamente alguma forma de movimento, mudança qualitativa ou aparecimento/desaparecimento, mas esses por si só não constituem movimento fictivo. Ao contrário, é o padrão no qual as entidades físicas são dispostas que exhibe o movimento fictivo. Considere o exemplo em (21):

(21) Trajetórias padrão

As I painted the ceiling, (a line of) paint spots slowly progressed across the floor.

[cf. As I painted the ceiling, (a line of) ants slowly progressed across the floor.]

Aqui, cada gota de tinta se move factivamente, mas esse movimento ocorre verticalmente para baixo, caindo no chão. O movimento fictivo, ao contrário, ocorre

horizontalmente ao longo do chão e envolve o padrão linear das manchas de tinta já localizadas no chão em um dado momento. Para esse efeito fictivo, deve-se, na verdade, conceptualizar o envoltório localizado ao redor de um conjunto de manchas de tinta ou uma linha localizada através delas. As manchas, dessa maneira, fechadas dentro do envoltório ou posicionadas ao longo da linha podem, assim, ser concebidas como um padrão linear gestáltico unitário. Assim, o aparecimento de uma nova mancha de tinta no chão na frente de uma extremidade do padrão linear pode, então, ser conceptualizado como se essa extremidade do envoltório ou linha se projetasse para frente de forma a agora incluir a nova mancha. Esse é, então, o movimento fictivo, para frente, da configuração. Em contraposição, se a sentença fosse interpretada literalmente – isto é, se a referência literal da sentença fosse tratada como factiva – seria necessário acreditar que as manchas de tinta fisicamente escorrem pelo chão.

De certo modo, o tipo de trajetória padrão de movimento fictivo é bastante semelhante ao tipo de emanção. Em ambas as categorias de movimento fictivo, uma entidade que em si é fictiva – isto é, um construto imaginário – move-se fictivamente pelo espaço. Uma diferença, no entanto, é que o tipo de emanção não envolve o movimento factivo de quaisquer elementos dentro da cena referente. Consequentemente, ele depende de um princípio – o princípio ativo-determinante – para fixar a fonte e a direção do movimento fictivo. Porém, o tipo de trajetória padrão de fato exige o movimento factivo ou a mudança de alguns componentes da situação referente para o efeito fictivo ocorrer. Isso é que determina a direção do movimento fictivo, de modo que nenhum princípio complementar precisa operar.

Os fenômenos perceptuais, geralmente denominados “movimento aparente” na psicologia, pareceriam incluir o equivalente/a contraparte visual do tipo de trajetória padrão de movimento fictivo na linguagem. No entanto, para que se estabeleça um paralelo corretamente, pode ser necessário subdividir o movimento aparente em tipos diferentes. Tais tipos talvez sejam amplamente baseados na velocidade do processo visualizado e, pode-se especular, envolvam mecanismos perceptuais diferentes. A maior parte das pesquisas sobre movimento aparente tem empregado um formato de pontos em duas localizações que aparecem e desaparecem em rápida alternância. Aqui, dentro de certos parâmetros, os sujeitos percebem um único ponto que se move para frente e para trás entre duas localizações. Na versão rápida de movimento aparente, a representação perceptual mais palpável aos sujeitos é, de fato, a de movimento, e, assim, não corresponderia ao caso linguístico.

Por outro lado, pode existir um tipo mais lento de movimento aparente que pode ser notado e que corresponderia ao caso linguístico. Um exemplo poderia consistir de um sujeito que vê uma série de lâmpadas, que se acendem e apagam, uma após a outra, em intervalos conscientemente perceptíveis. Aqui, pode-se supor que um sujeito teria uma experiência que se adequa ao padrão de fictividade geral. O sujeito perceberá em um nível superior de palpabilidade, isto é, enquanto factivo, a condição imóvel das lâmpadas, bem como a intermitência regular da lâmpada em localizações diferentes. Porém, em um nível inferior de palpabilidade, o sujeito simultaneamente perceberia – e avaliaria como estando em um nível inferior de veracidade – o movimento fictivo de um feixe luminoso, aparentemente único, que percorre uma série de lâmpadas.

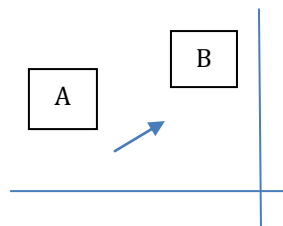
8.2 Movimento relacionado ao enquadre

Com relação ao enquadre global de referência, uma língua pode, factivamente, referir-se a um observador que se move com relação ao seu entorno que não está em movimento. Essa situação é exemplificada no inglês em (22a). No entanto, a língua pode alternativamente

se referir a essa situação ao adotar um enquadre local, tendo o observador como centro. Dentro desse enquadre, o observador pode ser representado como estando imóvel e o seu entorno em movimento a partir de sua própria perspectiva. Essa condição é exemplificada em (22b). É, portanto, uma forma de movimento fictivo, na qual o entorno factivamente imóvel é representado fictivamente como em movimento. Em uma perspectiva complementar, essa condição também contém uma forma de imobilidade fictiva, pois o observador factivamente em movimento agora é retratado fictivamente como imóvel. Ao enfatizarmos a representação do movimento, o tipo geral de movimento fictivo em operação aqui é denominado movimento relacionado ao enquadre. Designamos o efeito fictivo específico aqui como o tipo de movimento relacionado ao enquadre e baseado no observador.

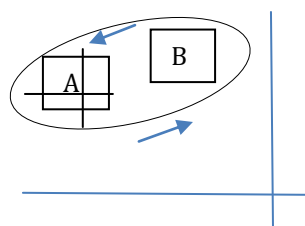
Além disso, uma língua pode permitir alterações entre o enquadre global e local de uma situação dentro de uma única sentença. Por exemplo, a sentença (22c) muda de um enquadre global para um enquadre local e, conseqüentemente, parte de uma representação diretamente factiva das condições espaciais para uma representação fictiva. No entanto, uma condição que nenhuma língua parece ser capaz de representar é a adoção de uma conceptualização que seja parcialmente global e parcialmente local, e dessa forma, parcialmente factiva e parcialmente fictiva. Desse modo, o inglês se mostra limitado com relação às sentenças como (22d), que sugere a adoção de um ponto de vista intermediário entre o observador e o seu entorno.¹⁰

(22) Movimento relacionado ao enquadre: com observador que se move factivamente



a. *Enquadre global: movimento fictivo ausente*

I rode along in the car and looked at the scenery we were passing through.



b. *Enquadre local: movimento fictivo presente*

I sat in the car and watched the scenery rush past me.

[cf. I sat in the movie set car and watched the backdrop scenery rush past me.]

c. *Mudança na referência entre o enquadre global e o enquadre local e do movimento factivo ao movimento fictivo*

I was walking through the woods and this branch that was sticking out hit me.

[cf. I was walking through the woods and this falling pinecone hit me.]

d. *Inexistente: enquadramento parcialmente global, enquadramento parcialmente local com movimento parcialmente factivo, movimento parcialmente fictivo*

*We and the scenery rushed past each other.
[cf. We and the logging truck rushed past each other.]

Nos exemplos anteriores, o observador estava factivamente em movimento enquanto a entidade observada (por exemplo, o cenário) estava factivamente imóvel – propriedades expressas explicitamente no enquadre global. De modo complementar, uma sentença também pode expressar um enquadre global no qual, factivamente, o observador está imóvel, enquanto a entidade observada se move. Essa situação é exemplificada em (23a). No entanto, essa situação complementar difere da situação anterior no sentido de que ela não pode passar por um reenquadre local, tendo o observador imóvel como centro. Caso tal enquadre local fosse possível, poderíamos considerar sentenças aceitáveis que fictivamente representam o observador como algo que se move e a entidade observada como estando imóvel. Porém, as sentenças que tendem a essa representação – por exemplo, a sentença (23bi) com um enquadre local uniforme e (23ii) com uma mudança do enquadre global para o local – são inaceitáveis. O enquadre local fictivo inaceitável que elas tendem a representar é ilustrado em (23):

(23) Movimento relacionado ao enquadre: com observador factivamente imóvel

a. Enquadre global: movimento fictivo ausente

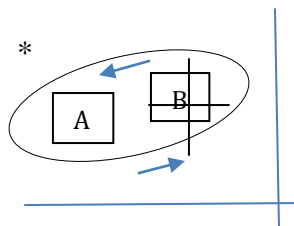
i. The stream flows past my house.

ii. As I sat in the stream, its water rushed past me.

b. Enquadre local: tentativa bloqueada de movimento fictivo

i. *My house advances alongside the stream.

ii. * As I sat in the stream, I rushed through its water.



Podemos sugerir uma descrição para a diferença entre os observadores móveis e imóveis em seu reconhecimento do enquadre local fictivo. A principal ideia é que a imobilidade é básica para o observador. Consequentemente, se um observador se move factivamente, a sentença é livre para representar a situação como tal, mas a sentença também pode “ajustar” sua representação da situação à condição básica na qual o observador está imóvel. No entanto, se o observador já estiver imóvel, isto é, no estado básico, então a sentença somente pode representar a situação como tal, e não está livre para ajustar a sua representação da situação em um estado não básico.

Se essa explicação se mantiver, a próxima pergunta é por que a imobilidade é básica para um observador. Podemos sugerir uma explicação do ponto de vista sob o desenvolvimento cognitivo. A criança experiencia o tipo translacional de fluxo óptico enquanto é carregada pelos pais bem antes do estágio no qual ela se locomove, isto é, um estágio no qual ela, de forma agentiva, irá ocasionar o fluxo óptico por si mesma. Assim, antes de a criança ter tido a chance de integrar a sua experiência de movimento à percepção de fluxo óptico, ela tem meses de experiência, em termos de fluxo óptico, sem a experiência de movimento. Essa experiência prévia pode ser processada em termos do mundo a sua volta,

em movimento com relação ao eu fixo em uma posição central. Essa experiência pode ser a mais fundamental e continuar a aparecer em efeitos sutis de representações linguísticas como as que acabamos de ver.

Uma possível comprovação desse relato pode ser mencionada. Os bebês, no início, realmente têm uma forma de controle agêntico sobre a sua posição em relação ao seu entorno, ou seja, o movimento circular dos olhos ou da cabeça. Em vez do tipo de fluxo óptico para frente que acabamos de discutir, essa ação promove um tipo transversal (embora não seja uma rotação estendida). Pelo fato de a criança poder, dessa forma, integrar a experiência de controle motor com a experiência de fluxo óptico reverso em um nível fundamental, não deveríamos esperar encontrar um efeito linguístico que trate a imobilidade do observador como relacionada ao movimento circular por parte deste. De fato, o inglês, como língua, tipicamente permite apenas representações factivas de tal movimento circular por parte de um observador, como, por exemplo, em *As I quickly turned my head, I looked over all the room's decorations*. Ela normalmente não se ajusta a um estado imóvel fictivo para o observador, como em “**As I quickly turned my head, the room's decorations sped by in front of me.*” Uma sentença desse último tipo seria usada somente para efeitos especiais, não da forma coloquial e cotidiana como o caso de movimento para frente é tratado.

Por outro lado, ainda como comprovação, pelo fato de o movimento circular estendido não ser parte da experiência primária da criança, ele deveria se comportar como movimento translacional para frente e permitir um reenquadramento linguístico. Na verdade, isso é facilmente encontrado em sentenças do inglês como *As our space shuttle turned, we watched the heavens spin around us*, ou *I rode on the carousel and watched the world go round*.¹¹

Experimentos psicológicos têm oferecido prováveis paralelos perceptuais para o movimento relacionado ao enquadramento na linguagem. Um paralelo é o “movimento induzido” dos experimentos do tipo “barra e moldura”. Aqui, prototipicamente, enquanto uma forma retangular que cerca uma forma linear se move factivamente, alguns sujeitos percebem esse enquadramento fictivamente como imóvel enquanto a barra se move de um modo complementar. Entretanto, esse tipo de experimento não é baseado no observador, a nosso ver, pelo fato de o observador não ser um dos objetos potencialmente envolvidos no movimento. Mais próximo ao nosso caso linguístico, está o “efeito subsequente de movimento”, por exemplo, presente no movimento em que o sujeito girou e então parou. Aqui, o sujeito factivamente sabe que ele está imóvel, mas simultaneamente experimenta a percepção – que é avaliada como menos verdadeira, por isso, fictiva – de seu entorno que gira ao seu redor na direção complementar. Talvez a situação experimental mais próxima do nosso tipo linguístico seja, na verdade, o movimento do sujeito para frente através de seu entorno, similar ao andar de carro. A questão é se tal sujeito perceberá simultaneamente uma representação factiva de si mesmo que se move através de seu entorno estático e uma representação fictiva de si como imóvel com o seu entorno em movimento em sua direção ou passando por ele.

8.3 TRAJETÓRIAS DE CHEGADA

Uma **trajetória de chegada** é uma representação da localização do objeto estático em termos de sua chegada ou manifestação no lugar que ocupa. O estado imóvel do objeto é factivo enquanto que seu movimento representado ou a sua materialização é fictiva e, na verdade, frequentemente e totalmente improvável. Os dois subtipos principais de trajetórias de chegada são o “lugar de chegada”, que envolve o movimento fictivo do objeto para seu

lugar, e o “lugar de manifestação”, que não é movimento fictivo, mas mudança fictiva, ou seja, a manifestação fictiva do objeto em seu lugar. Essa categoria é exemplificada em (24).

(24) Trajetórias de chegada

A. Lugar de chegada

1. Com forma verbal ativa

a. The palm trees clustered together around the oasis.

[cf: The children quickly clustered together around the ice cream truck.]

b. The beam leans /tilts away from the wall.

[cf: The loose beam gradually leaned /tilted away from the wall.]

2. Com forma verbal passiva

c. Termite mounds are scattered /strewn /spread /distributed all over the plain.

[cf. Gopher traps were scattered /strewn/spread /distributed all over the plain by a trapper.]

B. Lugar de manifestação

d. This rock formation occurs /recurs/appears/reappears/shows up near volcanoes.

[cf. Ball lightning occurs /recurs/appears/reappears/shows up near volcanoes.]

Ao analisarmos mais atentamente o exemplo de lugar de chegada, notamos que (24a) usa o verbo específico de movimento *to cluster* para uma representação literal, porém fictiva, como se as palmeiras tivessem se movido de lugares geograficamente dispersos para lugares nos arredores do oásis. A representação factiva simultânea dessa cena, porém, está presente em nossa crença de que as árvores sempre estiveram estáticas – situadas nas áreas que ocupam. Comparativamente, o exemplo de lugar de manifestação em (24d) literalmente representa a localização de formações rochosas, o local que elas ocupam como resultado de um evento de materialização ou manifestação. Essa representação fictiva é paralela a nossa representação factiva da crença de que a formação rochosa ocupa o seu lugar, de forma estável, há muito tempo.

Podemos citar dois psicólogos que apresentaram propostas diferentes de análise de formas visuais que equivalem ao tipo linguístico de movimento fictivo, denominado lugar de chegada. Pentland (1986) descreve a percepção de um objeto articulado em termos de um processo no qual uma porção básica do objeto, por exemplo, seu núcleo, tem porções adjacentes conectadas a ele. Um exemplo disso é a percepção de uma figura humana de argila como um tronco ao qual os membros e a cabeça foram anexados. Comparativamente, Leyton (1992) descreve nossa percepção de uma superfície curva qualquer como uma versão deformada de uma superfície simples; por exemplo, uma superfície linear e delimitada é descrita como a deformação de uma esfera, que sofreu protrusão, endentação, esmagamento e resistência. Ele mostra que esse conjunto de processos corresponde às descrições causais psicologicamente salientes que as pessoas dão aos formatos, por exemplo, de um cano dobrado ou de uma porta amassada. De modo similar, como descrito na tradição da psicologia da Gestalt, algumas formas são regularmente percebidas, não como padrões originais propriamente ditos, mas sim como o resultado de alguns processos de deformação aplicados a uma forma básica não percebida. Um exemplo disso é a percepção de uma figura no formato de Pac-Man como um círculo faltando um pedaço em formato de fatia.

Para considerar esse último exemplo em termos de nosso modelo de fictividade geral, um sujeito que observa tal formato de Pac-Man pode simultaneamente experienciar duas representações perceptuais discrepantes. A representação factiva, considerada a mais verídica e percebida como a mais palpável, será a configuração estática do Pac-Man propriamente dita. A representação fictiva, tida como menos verídica e percebida como a menos palpável, consistirá em uma sequência imaginária que começa com um círculo, procede para a demarcação de um formato de fatia dentro do círculo e termina com a fatia saindo ou sendo removida do círculo.

8.4 Trajetórias de acesso

Uma **trajetória de acesso** é uma representação da localização de um objeto imóvel em termos de trajetória que alguma outra entidade poderia seguir ao ponto de encontro com o objeto. O que é factivo aqui é a representação do objeto como estático, sem que nenhuma entidade atravessasse a trajetória retratada; o que é fictivo é a representação de alguma entidade que atravessa a trajetória representada, seja ela plausível ou implausível. Ainda que isso não seja especificado, a entidade que se move fictivamente pode frequentemente ser imaginada como sendo uma pessoa, alguma parte do corpo de uma pessoa ou o foco da atenção de alguém, dependendo da sentença específica, como podemos ver nos exemplos em (25):

(25) Trajetórias de acesso

- a. The bakery is across the street from the bank.
[cf. The ball rolled across the street from the bank.]
- b. The vacuum cleaner is down around behind the clothes hamper.
[cf. I extended my arm down around behind the clothes hamper.]
- c. The cloud is 1,000 feet up from the ground.
[cf. The balloon rose 1,000 feet up from the ground.]

Com maior detalhe, (25a) caracteriza o lugar da padaria, em termos de uma trajetória fictiva que começa no banco, segue para o outro lado da rua, e termina na padaria. Essa trajetória poderia ser seguida fisicamente por uma pessoa caminhando, ou perceptualmente por alguém que muda o foco de seu olhar, ou apenas conceptualmente por alguém que muda a atenção sobre seu mapa mental de proximidade. A trajetória representada pode ser razoável em termos de execução física, como quando eu uso (25a) para direcioná-lo à padaria quando estamos dentro do banco. Porém, a mesma trajetória representada também pode ser improvável, como quando eu uso (25a) para direcioná-lo à padaria quando estamos em um lado da rua em que esse estabelecimento se encontra. É improvável que você primeiro atravessasse a rua, vá até o banco e, então, atravessasse novamente para encontrar a padaria. Além disso, a trajetória de acesso representada também pode ser fisicamente implausível ou impossível. Tal é o caso de referentes como no exemplo *That quasar is 10 million light-years past the North Star*. Além do uso de trajetórias fictivas de acesso, tais como essas, a localização de um objeto geralmente pode ser diretamente caracterizada por uma representação factiva, como em *The bakery and the bank are opposite each other on the street*.

O padrão de fictividade que envolve as trajetórias de acesso ocorre perceptualmente? Podemos sugerir um tipo de desenho experimental que poderia testar o fenômeno. Pode ser apresentado aos sujeitos um padrão que contém algum ponto a ser focado, em que o todo

possa ser percebido de modo factivo como uma imagem gestáltica geométrica estática e/ou de modo fictivo em que envolva trajetórias que conduzem ao ponto focal. Talvez um exemplo seja a figura do sinal de “mais” com a letra *A* no ponto superior e a *B* no ponto à esquerda, ambos a serem focalizados. O sujeito poderia, em uma perspectiva factiva e, com um alto grau de palpabilidade, perceber uma representação estática dessa figura assim como já descrito, com o *B* simplesmente localizado à esquerda. Porém, simultaneamente, o sujeito pode, em uma perspectiva fictiva, e em um nível inferior de palpabilidade, perceber o *B* localizado na extremidade de uma trajetória que começa em *A* e, digamos, ou se inclina diretamente para o *B*, ou se move, primeiramente, para baixo e, então, para a esquerda ao longo das linhas, produzindo, assim, um sinal de mais.

8.5 Trajetórias de coextensão

Uma **trajetória de coextensão** é a representação da forma, orientação ou localização de um objeto espacialmente estendido, em termos de uma trajetória sobre o alcance do objeto. O que é factivo aqui é a representação do objeto como estando imóvel e a ausência de qualquer entidade que atravessasse a trajetória retratada. O que é fictivo é a representação de alguma entidade que se move ao longo ou sobre a configuração do objeto. Apesar de não ser especificada, a entidade que se move fictivamente pode frequentemente ser tomada como sendo um observador, o foco da atenção ou o objeto em si, dependendo da sentença específica, como pode ser visto nos exemplos em (26). Note que em (26a) a trajetória fictiva é linear, em (26b) ela é radial com relação a um plano bidimensional e, em (26c), é o movimento lateral de uma linha (uma linha norte-sul que avança para o leste), a qual é, posteriormente, correlacionada a uma segunda mudança fictiva (que é o aumento da vermelhidão).

(26) Trajetórias de coextensão

- a. The fence goes /zigzags /descends from the plateau to the valley.
[cf. I went/zigzagged /descended from the plateau to the valley.]
- b. The field spreads out in all directions from the granary.
[cf. The oil spread out in all directions from where it spilled.]
- c. The soil reddens toward the east.
[cf. (i) The soil gradually reddened at this spot due to oxidation.
(iii) The weather front advanced toward the east.]

Considere o padrão de fictividade para (26a). Por um lado, nós temos uma representação factiva da cerca como um objeto estático com um alcance linear e com contorno, orientação e localização específicos em um espaço geográfico. Simultaneamente, porém, temos a representação fictiva evocada pelo sentido literal da sentença, em que um observador, ou nosso foco de atenção, ou talvez alguma imagem da cerca propriamente dita, avance ao longo de seu próprio eixo, se mova de uma extremidade da cerca sobre o platô, ao longo de sua extensão, até a outra extremidade no vale.

Podemos nos perguntar, como anteriormente, se o padrão de fictividade geral que envolve as trajetórias de coextensão tem um equivalente perceptual. O fenômeno poderia ser encontrado em uma configuração visual percebida de modo factivo e com um grau mais elevado de palpabilidade como uma forma geométrica fixa e, simultaneamente, percebida de modo fictivo e com um grau mais baixo de palpabilidade em termos de trajetórias ao longo de

suas delimitações. Por exemplo, talvez um sujeito que visualize a configuração do sinal de "mais" irá vê-lo explicitamente apenas como um formato de "mais", enquanto, implicitamente, irá perceber algo intangível que, primeiramente, desce ao longo da barra vertical do sinal de adição e, então, desloca-se para a direita ao longo da barra horizontal (cf. Babcock e Freyd, 1988).

9 "CEPÇÃO": GENERALIZAÇÕES SOBRE PERCEPÇÃO E CONCEPÇÃO

Nesta seção, sugerimos uma base teórica que possa acomodar as representações visuais envolvidas na fictividade geral, juntamente com as representações que aparecem na linguagem.

Muitas discussões psicológicas têm tratado, implícita ou explicitamente, o que foi denominado "percepção" como sendo uma categoria única de fenômenos cognitivos. Se distinções complementares foram produzidas, elas são a designação independente de parte da percepção denominada "sensação"; ou o contraste de toda a categoria de percepção com a da "concepção/cognição". Parte da motivação para desafiar a categorização tradicional é que os psicólogos não concordam sobre onde estabelecer uma divisão através de fenômenos psicológicos observáveis, de modo que os fenômenos de um lado dessa divisão sejam considerados "perceptuais", enquanto que os do outro lado serão excluídos dessa designação. Por exemplo, enquanto olho para uma determinada figura diante de mim, minha identificação dessa figura como sendo uma faca será compreendida como parte de meu processamento perceptual dos estímulos visuais; ou, então, parte de algum outro processamento cognitivo talvez posterior? E, se tal identificação for considerada parte da percepção, o que dizer do meu pensamento de potencial perigo que ocorre ao ver esse objeto? Além disso, os psicólogos não somente discordam sobre onde traçar a linha divisória, mas também se existe uma base teórica por meio da qual se possa estabelecer uma divisão.

Consequentemente, parece aconselhável estabelecer um quadro teórico que não implique categorias discretas e limites claramente localizados e que reconheça um domínio cognitivo que abranja noções tradicionais tanto da percepção quanto da concepção. Tal quadro, então, permitiria a postulação de determinados parâmetros cognitivos que se estendem continuamente através do domínio maior (como descrito adiante). Com esse propósito, adotamos aqui a noção de **cepção** para cobrir todos os fenômenos cognitivos, conscientes e inconscientes, compreendidos pela conjunção da percepção e da concepção. Embora talvez se limite melhor aos fenômenos de processamento corrente, a *cepção** incluiria o processamento de estimulação sensorial, de imagens mentais e de pensamento e afeto experimentados no momento. Pode-se agora dizer que um indivíduo, o qual manifesta no momento tal processamento com relação a alguma entidade, "*cebe*" essa entidade.¹²

A principal vantagem do quadro de *cepção* em unir os domínios da percepção e da concepção não é que isso elimina a dificuldade de categorizar determinados fenômenos cognitivos problemáticos. Embora seja útil, essa característica, tida por si só, poderia também ser vista como o ato de jogar o bebê fora junto com a água do banho, na medida em que ela descarta uma distinção potencialmente útil simplesmente porque é incômoda. A força do quadro de "*cepção*", em vez disso, é precisa e permite a postulação ou o reconhecimento de parâmetros distintivos que se estendem por todo o novo domínio, parâmetros cuja unidade

* N.T. Neste trabalho, adotaremos o termo *cepção*, grafado em itálico, e suas flexões, para expressar o conceito pretendido pelo autor.

pode não ser facilmente detectada em um limite de categoria do tipo *gerrymandering* (“divisão arbitrária”). Além disso, tais parâmetros são, muitas vezes, gradientes em sua natureza e, assim, podem reintroduzir a base da discreta distinção percepção/concepção de forma gradual. Afinal, o problema com a distinção concepção/percepção não é que não haja motivação para tal, mas que ela esteja sendo tratada como uma dicotomia divergente em si.

Propomos aqui treze parâmetros de funcionamento cognitivo que parecem se estender ao longo de todo o domínio de *cepção* e pertencer à fictividade geral. A maioria desses parâmetros parece ter, pelo menos aproximadamente, um caráter gradiente – talvez variando de uma gradiência inteiramente regular para uma meramente irregular – com seu valor mais alto na extremidade mais claramente perceptual do domínio de *cepção* e com seu valor mais baixo na extremidade mais claramente conceitual do domínio. Parece que esses parâmetros tendem a covariar ou se correlacionam um com o outro de sua extremidade mais alta para a mais baixa, isto é, qualquer representação cognitiva particular tenderá a merecer localização em uma distância comparável ao longo dos gradientes dos respectivos parâmetros. Alguns dos parâmetros parecem mais ter regiões discretas ou distinções categoriais ao longo de suas extensões do que envolver a gradiência contínua, mas estas, também, parecem suscetíveis ao alinhamento com os outros parâmetros. Um dos treze parâmetros, que denominamos como “palpabilidade”, parece ser o mais centralmente envolvido com a fictividade geral relacionada à visão. Dado que os outros doze parâmetros se correlacionam em grande parte com este, nós denominamos o conjunto completo como “parâmetros relacionados à palpabilidade”.

Toda essa proposta de parâmetros relacionados à palpabilidade é heurística e programática. Isso exigirá ajustes e confirmação experimental em relação a várias questões. Uma delas é se o conjunto de parâmetros propostos é exaustivo em relação à palpabilidade e à fictividade geral (presumivelmente não) e, inversamente, se os parâmetros propostos são totalmente apropriados para esses fenômenos. Outra questão é a partição da fictividade visual geral que resulta nos parâmetros cognitivos específicos nomeados. Assim, talvez alguns dos parâmetros apresentados adiante devam ser fundidos ou separados. De um modo mais geral, primeiramente, precisamos mostrar que nossos parâmetros propostos estão em sincronia – alinhados da extremidade superior para a extremidade inferior – o suficiente para justificar sua classificação como componentes de um fenômeno comum. Inversamente, porém, necessitaríamos mostrar que os parâmetros listados são suficientemente independentes uns dos outros para justificar a sua identificação separada, em vez de serem tratados como aspectos de um único parâmetro complexo.

9.1 Palpabilidade e parâmetros correlatos

O parâmetro de palpabilidade é um parâmetro gradiente que pertence ao grau de palpabilidade com o qual alguma entidade é experienciada conscientemente, de um nível totalmente concreto a um totalmente abstrato. Para servir como pontos de referência, quatro níveis podem ser designados ao longo desse gradiente: o (totalmente) concreto, o semiconcreto, o semiabstrato e o (totalmente) abstrato. Esses níveis de palpabilidade são discutidos nas quatro seções seguintes e ilustrados com exemplos que se agrupam a eles. Nesta seção, apresentamos os treze parâmetros relacionados à palpabilidade propostos. Conforme são discutidos aqui, esses treze parâmetros são tratados estritamente com a relação a suas características fenomenológicas. Não há qualquer suposição de que os níveis ao longo

deses parâmetros correspondem a outros fenômenos cognitivos, tais como estágios anteriores ou posteriores de processamento.

1. O parâmetro de **palpabilidade** é um gradiente na extremidade superior na qual uma entidade é experienciada como sendo concreta, manifesta, explícita, tangível e palpável. Na extremidade inferior, uma entidade é experienciada como sendo abstrata, não manifesta, implícita, intangível e impalpável.
2. O parâmetro de **clareza** é um gradiente na extremidade superior na qual uma entidade é experienciada como sendo clara, distinta e definida. Na extremidade inferior, uma entidade é experienciada como sendo vaga, indistinta, indefinida ou turva.
3. O parâmetro de **intensidade** é um gradiente na região superior na qual uma entidade é experienciada como sendo intensa ou vívida.¹³ Na extremidade inferior, uma entidade é experienciada como sendo fraca ou opaca.
4. A **ostensão** de uma entidade é nosso termo para os atributos substantivos explícitos que uma entidade tem em relação a qualquer modalidade sensorial específica. Na modalidade visual, a ostensão de uma entidade inclui sua "aparência" e movimento - assim, mais especificamente, incluindo sua forma, coloração, textura e padrão de movimentos. Na modalidade auditiva, a ostensão equivale às qualidades de som explícitas de uma entidade e, na modalidade do paladar, equivale a seus sabores. Como um gradiente, o parâmetro de ostensão compreende o grau no qual uma entidade é experienciada como tendo tais atributos substantivos explícitos.
5. O parâmetro de **objetividade** é um gradiente na extremidade superior na qual uma entidade é experienciada como sendo real, tendo existência física autônoma, bem como tendo suas próprias características intrínsecas. Essa entidade é experienciada como estando "lá", isto é, como sendo externa ao indivíduo - especificamente, à sua mente, senão, ao seu corpo. Na extremidade inferior do gradiente, a entidade é experienciada como sendo um construto cognitivo, subjetivo, um produto da atividade mental do indivíduo.¹⁴
6. O parâmetro de **localizabilidade** é o grau em que alguém experiencia uma entidade como tendo uma localização específica relativa a si mesmo e às entidades circunvizinhas em alguma moldura de referência espacial. Na extremidade superior do gradiente, a experiência do indivíduo é que a entidade realmente possui uma localização e que essa localização ocupa apenas uma parcela limitada de todo o campo espacial, pode ser determinada e na verdade é conhecida. Em níveis intermediários do gradiente, pode-se experienciar a entidade como tendo uma localização, mas sendo incapaz de determiná-la. Na extremidade inferior do gradiente, pode-se ter a experiência de que o conceito de localização nem sequer se aplica à entidade *cebida*.
7. O parâmetro de **identificabilidade** é o grau em que se tem a experiência de reconhecer a identidade categorial ou individual de uma entidade. Na extremidade superior do gradiente, a experiência do indivíduo é que ele reconhece a entidade *cebida*, que pode atribuí-la a uma categoria familiar ou equacioná-la a um indivíduo familiar único e que, portanto, tem uma identidade conhecida. Avançando para a parte inferior do gradiente, os componentes dessa experiência diminuem até que estejam totalmente ausentes na extremidade inferior.
8. O parâmetro de **conteúdo/estrutura** diz respeito ao fato de uma entidade ser avaliada pelo seu conteúdo em relação à sua estrutura. Na extremidade de conteúdo desse gradiente – que corresponde à extremidade superior de outros parâmetros –, as avaliações dizem respeito à constituição substantiva de uma entidade. Na extremidade de estrutura do parâmetro – que se correlaciona com a extremidade inferior de outros parâmetros –, as avaliações dizem respeito aos contornos esquemáticos de uma entidade. Enquanto a extremidade de conteúdo lida com a forma "bruta" de uma entidade, a extremidade estrutural reduz ou "ajusta" e regulariza essa

forma em seu contorno abstrato ou idealizado. A forma pode ser uma entidade simples composta de partes ou uma entidade complexa que contém entidades menores. Em ambos os casos, quando tal forma é considerada, de modo geral em sua totalidade, a extremidade de conteúdo pode fornecer uma síntese abrangente ou uma Gestalt da natureza da forma. Por outro lado, a extremidade de estrutura pode revelar a estrutura global, padrão ou rede de conexões, que une os componentes da forma e os integra em uma unidade.

9. O parâmetro **tipo de geometria** envolve a caracterização geométrica imputada a uma entidade, juntamente com o grau de sua precisão e absolutividade. Na extremidade superior desse parâmetro, as avaliações referem-se ao conteúdo de uma entidade e são (passíveis de serem) geometricamente euclidianas, metricamente quantitativas, precisas quanto à magnitude, forma, movimentos e assim por diante, e absolutas. Na extremidade inferior do parâmetro, as avaliações referem-se à estrutura de uma entidade e são (limitadas a serem) geometricamente topológicas ou de natureza topológica, qualitativas ou aproximativas, esquemáticas e relacionais ou relativistas.

10. Ao longo do parâmetro gradiente de **acessibilidade à consciência**, uma entidade é acessível à consciência em todos os pontos, exceto na extremidade inferior. Na extremidade superior do parâmetro, a entidade está no centro da consciência ou no primeiro plano da atenção. Em um nível mais baixo, a entidade está na periferia da consciência ou no plano de fundo da atenção. Ainda mais abaixo, a entidade não está atualmente no nível de consciência ou atenção, mas poderia, prontamente, passar a estar. Na extremidade mais inferior, a entidade é regularmente inacessível à consciência.

11. O parâmetro de **certeza** é um gradiente na extremidade superior no qual se tem a experiência de certeza sobre a ocorrência e os atributos de uma entidade. Na extremidade inferior, o sujeito experiencia incerteza sobre a entidade – ou, mais ativamente, experiencia dúvida sobre ela.

12. O que iremos chamar de parâmetro de **acionabilidade** é um gradiente na extremidade superior no qual alguém se sente capaz de dirigir-se de forma agentiva em relação a uma entidade, por exemplo, para inspecionar ou manipular a entidade. Na extremidade inferior, o sujeito se sente capaz, somente, de ter uma experiência receptiva da entidade.

13. O parâmetro de **dependência de estímulo** é o grau no qual um determinado tipo de experiência de uma entidade exige que estímulo sensorial simultâneo e corrente ocorra. Na extremidade superior, os estímulos devem estar presentes para que a experiência ocorra. Na posição intermediária do gradiente, a experiência pode ser evocada em conjunto com a interferência de estímulos, mas também pode ocorrer em sua ausência. Na extremidade inferior, a experiência não requer, ou não tem relação com, o estímulo sensorial para ocorrer.

Os termos para todos os parâmetros acima foram selecionados intencionalmente de modo a serem neutros para a modalidade sensorial. No entanto, a maneira com que as várias modalidades se comportam em relação aos parâmetros – de maneiras possivelmente diferentes – permanece sendo um problema. Abordaremos brevemente essa questão mais adiante. Porém, por uma questão de simplicidade, os três primeiros níveis de palpabilidade apresentados a seguir serão discutidos apenas para a modalidade visual. Nossa caracterização a seguir de cada nível de palpabilidade geralmente indicará sua posição em relação a cada um dos treze parâmetros.

9.2 Nível concreto de palpabilidade

No nível concreto de palpabilidade, uma entidade para a qual se olha é experienciada como totalmente manifesta e palpável, clara e vívida, com as características ostensivas de forma, textura, coloração e movimento precisos, e com uma localização exata em relação a si mesma e ao seu entorno, em que essa precisão envolve amplamente um tipo euclidiano de geometria e é passível de quantificação métrica. A entidade é geralmente reconhecível por sua identidade particular e é considerada como uma instância de conteúdo substantivo. A entidade é experienciada como tendo uma existência real, física e autônoma – portanto não dependente do conhecimento próprio de um indivíduo. É, portanto, experienciada como estando "lá", isto é, não como um construto na mente de uma pessoa. O espectador pode experienciar a entidade com plena consciência e atenção, tem um senso de certeza sobre a existência e os atributos da entidade, e sente-se volitivamente capaz de direcionar seu olhar sobre a entidade, mudar sua posição com relação a ela ou talvez manipulá-la para expor outros atributos à inspeção. Fora de estados psicológicos anormais (como experienciar alucinações vívidas), essa experiência concreta de uma entidade requer estimulação sensorial simultânea e corrente – por exemplo, no caso visual, é preciso estar realmente olhando para a entidade. Em suma, experiencia-se a entidade na extremidade superior de todos os treze parâmetros relacionados à palpabilidade.

Exemplos de entidades experienciadas no nível concreto de palpabilidade incluem a maioria dos conteúdos manifestos do nosso mundo visual cotidiano, tal como uma maçã ou uma cena de rua. Com relação à fictividade geral, uma representação *cebida* no nível concreto de palpabilidade geralmente é experimentada como factiva e verídica. Ela pode funcionar como a base com relação à qual uma representação discrepante em um nível inferior de palpabilidade é comparada.

9.3 Nível semiconcreto de palpabilidade

Talvez a melhor forma de começar esta seção seja ilustrando entidades (per/con)cebidas no nível semiconcreto de palpabilidade, antes de delinear suas características gerais. Um primeiro exemplo de uma entidade semiconcreta é a região acinzentada que alguém "vê" em cada interseção (exceto a que está em foco direto) de uma grade de Hermann. Tal grade consiste em tiras brancas verticais e horizontais uniformemente espaçadas contra um fundo preto e é ele mesmo visto no nível totalmente concreto de palpabilidade. À medida que se desloca o foco de uma interseção para outra, um ponto aparece no lugar anterior e desaparece do novo. Outro exemplo de uma entidade semiconcreta é uma imagem consecutiva. Por exemplo, depois de olhar para uma figura colorida, *cebe-se* imagem pálida da figura na cor complementar quando se olha para um campo branco. Comparativamente, depois de uma luz brilhante ter sido piscada em um ponto da retina, *cebe-se* um ponto médio e acinzentado – um "escotoma artificial" – no ponto correspondente de qualquer cena para a qual, agora, se olhe. Aparentemente, outra entidade semiconcreta é o efeito fosfeno – um padrão de mudança de luz que abrange o campo visual – que resulta, por exemplo, de pressão sobre o globo ocular.

Em geral, uma entidade *cebida* no nível semiconcreto de palpabilidade, em comparação ao nível totalmente concreto, é experienciada como sendo menos tangível e explícita, menos clara e menos intensa ou vívida. Tem a qualidade de parecer um pouco indefinida em suas características ostensivas, talvez nebulosa, translúcida ou fantasmagórica. Embora se tenha a experiência de "ver" diretamente a entidade, suas propriedades menos concretas podem, em grande parte, levar o indivíduo a experienciar a entidade como não

tendo existência física real ou, pelo menos, experienciar dúvidas sobre tal corporeidade. Dos exemplos semiconcretos citados acima, os pontos acinzentados da grade de Hermann podem ser amplamente experienciados como estando “lá”, embora, talvez, não em seu grau mais elevado devido ao seu aparecimento e desaparecimento à medida que se desloca o foco. A condição de “lá” é ainda menor ou mais duvidosa para imagens consecutivas, escotomas artificiais e fosfenos, porque essas entidades se movem juntamente com o movimento dos olhos. Os pontos da grade de Hermann são totalmente localizáveis com relação à grade concretamente *cebida* e, de fato, são eles mesmos *cebidos* apenas em relação a essa grade. Porém, uma imagem consecutiva, um escotoma artificial ou um fosfeno se localiza em uma posição inferior no parâmetro de localizabilidade, pois, embora cada um seja fixo em relação ao campo visual do indivíduo, ele se move livremente com relação ao ambiente externo concretamente *cebido* no ritmo dos movimentos oculares. A identificabilidade de uma entidade semiconcreta é parcialmente preservada em alguns casos de imagens consecutivas, mas a entidade é, de outro modo, em grande parte não passível de categorização como identidade.

De forma geral, pode-se ter plena consciência e direcionar a atenção central para tais entidades semiconcretas como os pontos da grade de Hermann, imagens consecutivas, escotomas e fosfenos, mas se experiencia menos do que a plena certeza sobre a sua *cepção*, e só é possível exercitar um grau ainda pequeno de acionabilidade sobre elas, podendo manipulá-las somente com o movimento dos olhos. A *cepção* de pontos na grade de Hermann requer estímulo sensorial simultâneo na forma de visualização da grade. No entanto, uma vez iniciado, as outras entidades semiconcretas mencionadas podem ser *cebidas* por um tempo sem estímulos posteriores, mesmo com os olhos fechados.

No que diz respeito à fictividade geral, uma representação *cebida* no nível semiconcreto de palpabilidade ao visualizar uma cena é, geralmente, experienciada como sendo relativamente mais fictiva e menos verídica do que a representação em nível concreto que geralmente é *cebida* ao mesmo tempo. O tipo de discrepância presente entre tais representações de uma única cena geralmente não é o de movimento fictivo contra a imobilidade factiva, como tratado prioritariamente até agora. Em vez disso, é de uma presença fictiva, contra a ausência factiva; ou seja, a representação fictiva, por exemplo, dos pontos na grade de Hermann, de uma imagem consecutiva, de um escotoma artificial ou de fosfenos, é avaliada como estando presente apenas de maneira relativamente fictiva, enquanto a representação factiva da cena que está sendo vista é tomada de forma mais verídica por falta de tais entidades.

9.4 Nível semiabstrato de palpabilidade

Uma entidade em um nível semiabstrato de palpabilidade é experienciada como estando presente em associação com outras entidades que são vistas no nível totalmente concreto, mas ela mesma é intangível e não manifesta, bem como vaga ou indefinida e relativamente tênue. Tem pouca ou nenhuma ostensão, e nenhuma qualidade de visibilidade direta. Ao se ver uma cena, o que se experiencia é que não se “vê” tal entidade explicitamente, mas “percebe-se” sua presença implícita. De fato, adotaremos o termo **percepção** como um termo técnico para se referir à *cepção* de uma entidade no nível semiabstrato de palpabilidade, ao mesmo tempo que se envolve na visualização simultânea de algo concreto.¹⁵ Experiencia-se uma entidade desse tipo como estando “lá”, talvez localizável como uma característica genuinamente presente das entidades concretas vistas, porém não tendo uma existência física

autônoma. Na medida em que a essa entidade percebida é concedida uma identidade, isso se daria com relação a alguma categoria aproximada ou vaga.

Uma entidade percebida é de saliência relativamente baixa em estado de consciência ou atenção, parece menos precisa e é difícil de operar. Frequentemente, uma entidade percebida desse tipo é entendida como uma característica estrutural ou relacional das entidades concretas vistas. Seu tipo de geometria é regularmente topológico e aproximativo. Em termos de experienciação em um nível totalmente concreto, tais estruturas ou relações percebidas podem ser frequentemente captadas por representações esquemáticas, como desenhos de linha ou esculturas de arame, mas elas não possuem esse grau de explicitação em sua condição original de (per/con)cepção.

Como o nível semiabstrato de palpabilidade talvez seja o menos familiar, apresentamos uma série de tipos e exemplificações dele. Podemos caracterizar aqui o padrão de fictividade geral que é válido para todos os tipos descritos adiante. A fictividade geral funciona aproximadamente da mesma maneira para os três tipos: estrutura do objeto, moldura de referência e dinâmica de forças. Para caracterizar o padrão de fictividade geral para esses três tipos juntos, referimo-nos a eles aqui coletivamente como "estruturalidade". A representação da estruturalidade que se percebe em um objeto ou conjunto é geralmente experienciada como mais fictiva e menos verídica do que a representação factiva das entidades concretas cuja estruturalidade elas representam. A representação da estruturalidade é um caso de presença fictiva e não de movimento fictivo. Essa presença fictiva contrasta com a ausência factiva de tal estruturalidade na representação concreta. Ao contrário da maioria das formas de fictividade geral, as representações de conteúdo concreto e de estruturalidade percebida podem parecer tão minimamente discrepantes entre si que são experienciadas como sendo complementares ou aditivas. (O tipo na seção 9.4.4 envolvendo histórico e futuro estrutural tem seu próprio padrão de fictividade, que será descrito separadamente.) Muito da estrutura visualmente percebida é semelhante à estrutura representada por formas linguísticas de classe fechada, e esse paralelismo será discutido mais adiante, na seção 9.11.

9.4.1 Percepção de estrutura de objeto

O tipo principal de entidade percebida é a estrutura que sentimos como estando presente em um único objeto ou em uma série de objetos devido à sua organização no espaço. Isso denominamos **percepção de estrutura de objeto**. Para ilustrar primeiramente o caso de um objeto único, considere um objeto do tipo geométrico que possa ser exemplificado, digamos, por um vaso ou uma lixeira. Quando o indivíduo vê um objeto desse tipo, ele vê, em um nível concreto de palpabilidade, certos detalhes de ostensão, tais como formato, contorno, cor, textura e sombra. Além disso, porém, em um nível semiabstrato de palpabilidade, pode-se perceber no objeto um padrão estrutural que compreende uma porção externa e um interior vazio.

Mais precisamente, um objeto desse tipo é percebido – em termos de uma esquematização idealizada – como consistindo de um plano curvado de tal forma que define um volume de espaço formando um limite ao seu redor. O esquema estrutural desse tipo geralmente é percebido no objeto em uma forma que é abstraída de cada um de vários outros fatores espaciais. Assim, esse esquema estrutural "contorno/interior" pode, assim, ser percebida igualmente em objetos que diferem em magnitude, como um dedal e um vulcão; em forma, como um poço e uma trincheira; em completude de encerramento, como uma bola de

praia e uma poncheira; e em grau de continuidade/descontinuidade, como uma jarra em forma de sino e uma gaiola. Esse padrão de *cepção* mostra – conforme apropriado para o nível de palpabilidade semiabstrato – que o tipo de geometria (parâmetro 9) aqui percebido na estrutura de um objeto é topológico ou de natureza topológica. Em particular, como foi visto acima com base em um conjunto de fatores geométricos que foram desconsiderados, a estrutura do objeto percebida como sendo do tipo contorno-interior é neutra em termos de magnitude e de formato, bem como em termos de encerramento e descontinuidade.

Para usar um exemplo mais complexo, ao visualizar uma pessoa, nota-se, no nível de palpabilidade totalmente concreto, o seu contorno e sua forma, a coloração e a sombra, as texturas, o contorno de seu vestuário e assim por diante. No entanto, não se vê, mas se percebe a estrutura corporal da pessoa em sua configuração atual, por exemplo, quando em uma postura agachada ou inclinada. O esquema estrutural percebido desse tipo pode ser concretamente visível, como quando um boneco palito ou a escultura em formato de limpador de cachimbo é moldado para corresponder a essa postura. Porém, não se vê concretamente tal esquema quando se olha para a pessoa - só se percebe sua presença. As abstrações de Marr (Marr, 1982), que representam uma figura humana em termos de uma organização em eixos de alongamento, fornecem uma teorização desse nível de (per/con)cepção.

Uma percepção comparável de estrutura pode ocorrer para um conjunto de objetos. Considere, por exemplo, um primeiro objeto com a estrutura interna descrita acima, em que um segundo objeto está localizado em um ponto ou pontos do espaço interior do primeiro objeto. Alguns exemplos poderiam ser água em um vaso ou um rádio em uma lixeira. Ao *ceber* tal complexo, a pessoa pode perceber nesse complexo de objetos um esquema estrutural - o que ela pode categorizar como o esquema “interno” - em que o primeiro objeto está dentro do segundo. Como no caso do objeto único, esse conjunto de objetos também exibe uma série de neutralidades de natureza topológica. Portanto, não apenas o primeiro objeto e o segundo objeto podem, eles mesmos, variar em magnitude e forma, mas também o primeiro objeto pode exibir qualquer orientação relativa ao segundo objeto e pode estar localizado em qualquer porção ou volume do espaço interno do segundo objeto, embora ainda seja percebido como uma manifestação do esquema de “inclusão”.

Para um exemplo mais detalhado, quando alguém vê o interior de um restaurante, essa pessoa percebe uma estrutura hierarquicamente embutida no espaço que inclui o contorno esquemático do salão como sendo a estrutura mais ampla e o padrão espacial de distribuição de mesas e pessoas situadas nessa estrutura. Talvez alguém possa ver alguns dos contornos da estrutura do salão de maneira concreta, por exemplo, algumas junções entre o teto e as paredes; mas para a maioria, a organização espacial geral parece ser percebida. Portanto, se alguém fosse representar essa estrutura percebida da cena em um desenho esquemático, essa pessoa poderia incluir algumas linhas para representar a estrutura retilínea do salão, junto com alguns pontos ou círculos para as mesas e algumas linhas curtas e curvas para as pessoas que marcam suas posições relativas à estrutura e entre si. No entanto, embora possa assim ser representado, isso é uma abstração na maioria das vezes não vista concretamente, mas apenas percebida como presente.

Outros casos talvez também pertençam a esse tipo de percepção de estrutura de objeto. Assim, partes de objetos que não são vistas concretamente, mas cuja presença se conheça ou se pressuponha em locais específicos podem ser percebidas como presentes nesses locais. Isso pode se aplicar à parte de um objeto que está ocluída por outro objeto na sua frente, ou à parte posterior ou inferior de um objeto não visível da perspectiva atual do conceptualizador.¹⁶

9.4.2 Percepção de estrutura de trajetória

Quando alguém vê um objeto que se move em relação a outros objetos, essa pessoa vê concretamente a trajetória executada como tendo especificações euclidianas tais como formato e tamanho exatos. Mas, além disso, essa pessoa pode perceber uma estrutura abstrata nessa trajetória. A trajetória em si não seria um caso de movimento fictivo, já que a trajetória é factiva, mas a trajetória é percebida como uma instanciação de um esquema de trajetória idealizada específico, e que é fictivo. A isso chamamos de **percepção de estrutura de trajetória**. Portanto, a pessoa pode perceber tanto a trajetória de uma formiga andando de um lado para o outro na palma da mão de alguém quanto a trajetória de um veado correndo de um lado para o lado oposto de uma clareira como instancicações iguais de um esquema “across”. Esse esquema “across” visualmente percebido iria exibir então a propriedade topológica de neutralidade de magnitude. Comparativamente, alguém pode igualmente perceber um esquema “across” na trajetória de um veado correndo em uma linha reta perpendicular de um lado da clareira para o lado oposto, e na trajetória de um veado correndo de um lado da clareira para o outro em um percurso de zig-zag. O esquema “across” visualmente percebido também iria exibir, então, a propriedade topológica de neutralidade de forma.

9.4.3 Percepção de molduras de referência

Talvez relacionada à percepção de estruturas de objeto/conjuntos esteja a **percepção de uma moldura de referência** como presente em meio a um conjunto de objetos. Por exemplo, ao ver o cenário em torno de si no nível concreto de palpabilidade, uma pessoa pode perceber uma rede de direções norteadoras em meio a esse cenário. Tais direções não são vistas concretamente, mas somente percebidas no nível semiabstrato de palpabilidade.

Ela pode até mesmo ter a opção de enquadres de referência alternativos e percebê-los como presentes (como descrito no capítulo I-3). Considere, por exemplo, alguém que está olhando uma igreja, a qual está voltada para o lado direito, com uma bicicleta na parte de trás da própria igreja.

Essa pessoa pode perceber na cena manifesta uma moldura que tem o chão como base, em que a bicicleta está a *oeste* da igreja. Ou ela pode perceber a presença de uma moldura com base no objeto, em que a bicicleta está *atrás* da igreja. Ou ela percebe a presença de uma moldura baseada no conceptualizador saindo dela mesma, em que a bicicleta está à *esquerda* da igreja. Levinson (1996b) e Pederson (1993) fizeram experimentos exatamente com essa situação, com resultados sobre as fortes influências linguístico-culturais para o tipo de moldura de referência específica percebida como presente.

Pode-se perceber também a presença de uma ou outra moldura de referência alternativa para o caso de um objeto que se move executando uma trajetória. Assim, ao ver um barco saindo de uma ilha e navegando progressivamente para longe dela, pode-se perceber sua trajetória como um raio que parte da ilha como centro dentro dos círculos concêntricos de uma moldura de referência radial. Alternativamente, pode-se perceber a ilha como o ponto de origem de uma moldura de referência retilínea e a trajetória do barco como uma linha abscissa que se afasta de uma ordenada.¹⁷

9.4.4 Percepção de histórico e projeção estrutural

Outro tipo possível de fenômeno percebido também pertence à estrutura de um objeto ou de um conjunto de objetos. Aqui, no entanto, essa estrutura não é percebida como estando

estaticamente presente, mas como tendo se transformado em sua configuração específica a partir de alguma outra configuração. De fato, percebe-se um registro provável, padrão, ou um pseudo-histórico de atividades que levaram à estrutura atual. A isso chamamos de **percepção de histórico estrutural**. Um histórico percebido desse tipo é o correspondente/a contraparte visual das trajetórias fictivas de lugar de chegada descrito para a linguagem na seção 8.3. Os exemplos dos correspondentes/das contrapartes visuais já dados naquela seção eram de uma estatueta percebida como um tronco com uma cabeça e membros fixados a ele; de um contorno irregular percebido como o resultado de processos como endentação e protuberância; e de uma imagem de Pac-Man percebida como um círculo com uma fatia removida.

Além dessas entidades relativamente esquemáticas, pode-se propor que uma pessoa regularmente perceba certas formas complexas nas cenas cotidianas não como configurações estáticas auto-subsistentes por si próprias, mas como o resultado de desvios de um estado anterior e, geralmente, mais básico. Por exemplo, ao ver um porta-retratos de lados iguais que está pendurado na parede em um ângulo oblíquo, não se pode *ceber* a moldura como um formato de diamante estático, mas como um quadrado que manifesta o resultado de ter sido inclinado de uma orientação vertical-horizontal mais básica. Outro exemplo é a percepção de uma cavidade em um para-choques não como uma curvatura *sui generis*, mas como o resultado de uma deformação. Percebe-se um conjunto de lascas de cerâmica não como um conjunto de objetos tridimensionais de formas diferentes e independentes, mas como os restos de um vaso de flores que se quebrou. Pode-se até mesmo perceber brinquedos que estão espalhados pelo chão, não simplesmente como um padrão estático espacial específico, mas como o resultado de terem sido espalhados nessa configuração, oriundos de uma caixa.

Visualizar uma entidade pode levar alguém a perceber não somente um histórico de sua configuração atual, mas também uma sucessão futura potencial ou provável de mudanças que se afastem da configuração atual. Tal **percepção de projeção estrutural** poderia envolver o retorno da entidade ao estado básico que havia deixado. Por exemplo, ao visualizar o porta-retratos mencionado acima pendurado torto, pode-se perceber seu retorno potencial ao ângulo certo (provavelmente como parte de imaginar-se endireitando-o).

Em termos de fictividade geral, a percepção do histórico ou da projeção estrutural de uma entidade é uma representação menos verídica do movimento fictivo em uma modalidade sensorial. É sobreposta à representação estática factiva e veridicamente vista da entidade. Assim, no que diz respeito ao exemplo do porta-retratos, a diferença entre os modos factivo e fictivo da *cepção* da moldura é a diferença entre, por um lado, ver um losango estático e, por outro lado, perceber um quadrado com um passado e um futuro.

9.4.5 Percepção de trajetórias projetadas

Outro tipo de *cepção* notada pode ser chamado de **percepção de trajetórias projetadas**. Uma forma de projeção de trajetória é aquela baseada no movimento já sendo exibido por uma entidade Figura, por exemplo, uma bola arremessada viajando em uma curvatura pelo ar. Um conceptualizador que observa a trajetória do objeto como ocorrendo concretamente pode geralmente perceber - mas não ver de modo palpável - a trajetória que ele seguirá. Aqui, não nos referimos apenas a computações cognitivas inconscientes que, digamos, permitam que o conceptualizador se mova para o lugar em que conseguiria pegar a

bola; em vez disso, nos referimos à experiência consciente que o conceptualizador frequentemente tem de uma percepção convincente da rota específica que o objeto percorrerá. É possível ainda projetar a direção contrária para perceber a trajetória que a bola provavelmente traçou antes de ser vista. A projeção de trajetória desse tipo é, portanto, totalmente semelhante à percepção de histórico e projeção estrutural discutida na seção anterior. A principal diferença é que naquele caso, a entidade observada era estática, enquanto aqui ela está em movimento. Conseqüentemente, naquele caso, as mudanças percebidas antes e depois da configuração estática eram, em sua maioria, associações baseadas na experiência de ocorrência frequente para o indivíduo, enquanto aqui os segmentos da trajetória percebidos são projeções baseadas principalmente nos conhecimentos básicos de física que alguém aplica ao movimento observado.

Outra forma de trajetória projetada pertence à rota que um conceptualizador agentivo vai voluntariamente executar em algum lugar do espaço. Aplica-se, por exemplo, a um conceptualizador, parado em um canto de um restaurante cheio de mesas que quer chegar ao lado oposto. Antes de ir, o conceptualizador vai frequentemente perceber, num nível semiabstrato de palpabilidade, uma rota aproximada que passe em meio às mesas e que ele possa seguir para chegar ao seu destino. O conceptualizador poderia perceber virtualmente o formato dessa trajetória, como se fosse uma fotografia aérea. Pode ser que a rota inicialmente projetada seja inadequada para a tarefa, e que o processo de percepção da rota seja regularmente atualizado e reprojeto conforme o conceptualizador se mova ao longo de sua trajetória. Ao longo de todo esse processo, porém, apenas os contornos físicos são vistos concretamente, enquanto a trajetória a ser seguida é meramente percebida. Essa forma de trajetória projetada é semelhante às trajetórias fictivas de acesso descritas na seção 8.4.

9.4.6 Percepção de dinâmica de forças

Ainda no nível semiabstrato de palpabilidade está a **percepção de dinâmica de forças** – isto é, de interrelações de força entre objetos de outra forma vistos concretamente. Incluídas em tal dinâmica de forças percebida estão as interações de forças opostas como a tendência intrínseca de um objeto para movimento ou repouso; a oposição de outro objeto a essa tendência; resistência a tal oposição; a superação da resistência; e a presença, o aparecimento, o desaparecimento ou a ausência de bloqueio (ver capítulo I-7 para uma análise do componente semântico da linguagem que pertence à dinâmica de forças).

Para ilustrar, Rubin (1986) e Engel e Rubin (1986) relatam que sujeitos captam (em nossos termos, percebem) forças em contato ao ver um ponto que se move ao longo de uma trajetória como uma bola quicando. Quando o ressalto é progressivamente aumentado, então a percepção é de que uma força foi adicionada a esse ponto de contato. Complementarmente, quando o ressalto do ponto diminui, a força é percebida como se estivesse se dissipando. Além disso, Jepson e Richards (1993), usando dois retângulos iguais dispostos em forma de “T”, notam que quando esse “T” está paralelo ao retângulo “cabeça” vertical e ao retângulo “base” horizontal, então a percepção é de que a base do retângulo está “anexada” à cabeça do retângulo, analogamente ao que se percebe ao ver um objeto preso a uma parede. No entanto, não há tal percepção de uma “força de anexação” quando o mesmo bloco menor está similarmente posicionado na face superior do bloco maior (ou seja, quando a configuração original gira em 90 graus). Nesse último caso, apenas contato, não anexação, é percebido, como seria esperado ao ver um objeto que repousa sobre uma superfície horizontal.

Para um exemplo menos esquemático, considere uma cena em que um grande bloco de concreto está encostado na parede de fora de um galpão frágil de madeira em um ângulo de 45 graus. Uma pessoa vendo essa cena provavelmente não veria apenas, no nível concreto, o bloco e o galpão em sua relação geométrica particular, mas também perceberia uma estrutura de dinâmica de forças implícita a esses elementos explícitos. Essa estrutura de forças percebida poderia incluir uma força (manifestada pelo galpão) que está resistindo por pouco, mas com sucesso, a uma força exterior implacável a afetando (manifestada pelo bloco), e que é capaz de ceder gradualmente e ruir a qualquer momento.

6.9.4.7 Percepção de análogos visuais ao movimento fictivo na linguagem

Por fim, os tipos de movimento fictivo apresentados anteriormente a esta seção sobre (per/con)cepção podem agora ser retomados por sua relevância na presente discussão. A maioria dos padrões visuais sugeridos como equivalentes/contrapartes aos tipos de movimento fictivo na linguagem parecem se encaixar no nível semiabstrato de palpabilidade - isto é, eles são percebidos. Ademais, em termos de fictividade geral, esses análogos visuais envolvem a percepção do *movimento* fictivo; eles não envolvem a percepção da *presença* fictiva (como era o caso das representações de “estruturalidade”, vistas há pouco). Em síntese, podemos listar aqui os tipos fictivos das seções 2.5 e 8, todos partes desse fenômeno. Com isso, podemos perceber, no nível semiabstrato de palpabilidade, o movimento fictivo dos equivalentes/contrapartes visuais das trajetórias de orientação (incluindo trajetórias de prospecção, de alinhamento, demonstrativas e de alvo), trajetórias de radiação, trajetórias de sombra, trajetórias sensoriais, trajetórias de padrão, movimento relacionado a enquadre, trajetórias de chegada, trajetórias de acesso, e trajetórias de coextensão. Com o acréscimo dos casos de histórico ou projeção estrutural e trajetórias projetadas caracterizados acima, essa é uma lista completa dos tipos fictivos propostos, neste capítulo, como tendo uma representação visual percebida como movimento fictivo.

6.9.5 Nível abstrato de palpabilidade

Os casos citados até agora para os três primeiros níveis de palpabilidade dependem todos de estímulos sensoriais processados simultaneamente (com a exceção de que as imagens consecutivas, os escotomas artificiais e os fosfenos exigem estímulo prévio). Porém, podemos produzir um nível ainda inferior na escala de palpabilidade, o nível (completamente) abstrato. Nesse nível, o indivíduo experiencia entidades conceptuais ou afetivas que não exigem estímulos sensoriais processados simultaneamente para sua ocorrência e podem ter pouca relação direta com qualquer estímulo do tipo. De forma geral agrupadas junto às extremidades inferiores dos parâmetros relacionados à palpabilidade remanescentes, tais entidades são, portanto, amplamente impalpáveis, abstratas, vagas e talvez tênues, destituídas de características ostensivas, e não sujeitas a serem localizadas no espaço ou identificadas em uma categoria. São frequentemente experienciadas como subjetivas, conseqüentemente inerentes ao sujeito e não alheias.

Tais entidades conceptuais e afetivas realmente parecem exibir uma variação dentre os parâmetros relacionados à palpabilidade remanescentes. Assim, elas podem variar da saliência completa à indefinição ou da inacessibilidade virtual à consciência; podendo variar da certeza à perplexidade a respeito delas, e da capacidade de manipulá-las mentalmente à experiência

de ser apenas um receptor passivo dessas entidades. Por fim, elas podem exibir tanto conteúdo quanto estrutura, e, na medida em que manifestam um tipo de geometria, podem, também, exibir uma variação, embora talvez com tendência ao tipo aproximativo e qualitativo.

Tais entidades abstratas podem ser *cebidas* como componentes no curso de pensamentos e sentimentos em geral. Poderiam incluir não apenas os equivalentes/as contrapartes imaginados de entidades normalmente *cebidas* como o resultado de estímulos processados simultaneamente - por exemplo, a experiência somente imaginada da estrutura que, de outra maneira, se perceberia simultaneamente ao ver um objeto ou conjunto no espaço - mas também fenômenos que não podem normalmente ou em qualquer situação ser diretamente descritos como atributos intrínsecos a entidades *cebidas* como o resultado de estímulo sensorial processado simultaneamente. Tais fenômenos podem incluir os seguintes casos: a consciência de relações entre conceitos dentro da representação dos conhecimentos de uma pessoa; a experiência de implicações entre conjuntos de conceitos, e a formação de inferências; testes de veracidade; testes sobre mudanças que ocorrem a longo prazo; experiências de influência social (como permissões e exigências, expectativas e pressões); uma ampla gama de estados afetivos; e “atitudes proposicionais” (como desejo e intenção).

Muitas entidades cognitivas no nível abstrato de palpabilidade são os referentes semânticos de formas linguísticas e, portanto, podem ser evocadas conscientemente ao se ouvir ou pensar em tais formas. Essas formas são, elas mesmas, totalmente concretas quando ouvidas e, naturalmente, menos concretas quando imaginadas, mas o grau de concretude que elas possuem tende a emprestar uma medida de explicitude aos fenômenos conceituais e afetivos associados a elas. E com tal explicitude maior pode vir uma maior manipulabilidade (acionabilidade) cognitiva e um maior acesso à consciência. No entanto, esses são fenômenos que, quando experienciados diretamente, sem associação a tais formas linguísticas, podem estar no nível completamente abstrato de palpabilidade. Apesar de tal redimensionamento emprestado pela representação linguística, é mais fácil dar mais exemplos de fenômenos *ceptualmente* abstratos ao citar os significados de certas formas linguísticas. Já que as formas de classe aberta tendem a representar conceitos mais conteudísticos, enquanto formas de classe fechada tendem a representar conceitos mais estruturais - e, portanto, mais abstratos -, citaremos a seguir uma série de significados de classe fechada para representar melhor o caráter da extremidade totalmente abstrata do gradiente de palpabilidade, ao menos como tem sido linguisticamente associado até aqui.¹⁸

Primeiramente, uma estrutura esquemática que poderia, de outra forma, ser percebida no nível semiabstrato de palpabilidade através de estímulos sensoriais simultâneos - como ao olhar para um objeto ou cena - pode também ser *cebida* no nível totalmente abstrato, puramente ideacional na ausência de estímulos sensoriais correntes ao se ouvir ou pensar em uma forma linguística de classe fechada que se refere à mesma estrutura esquemática. Por exemplo, ao ver uma cena em que um tronco está atravessado na estrada, pode-se perceber a presença de um esquema estrutural “across” no nível abstrato de palpabilidade ao ouvir ou pensar na palavra *across* tanto sozinha quanto em uma sentença como *The log lay across the road*.

Podemos identificar agora uma variedade de categorias conceituais expressas por formas linguísticas de classe fechada que aparentemente nunca são produzidas diretamente por estímulos sensoriais simultâneos. Portanto, a categoria conceptual de “*tempo verbal*”, com conceitos específicos como “passado”, “presente” e “futuro”, pertence ao tempo de ocorrência de um evento referente com relação ao tempo presente de fala. Essa categoria é bem representada nas línguas do mundo, mas aparentemente possui pouca analogia nas formas de *cepção* mais altas na escala de palpabilidade que são evocadas por estímulos

sensoriais simultâneos. Uma segunda categoria linguisticamente representada pode ser chamada de *status de realidade* - um tipo amplamente incluído no termo linguístico tradicional “modo”. Para qualquer evento sendo mencionado, essa categoria incluiria indicações como o evento ser real, condicional, potencial ou contrafactual, e também incluiria a negativa simples (por exemplo, a partícula *not* do inglês). Novamente, aspectos de situações que são correntemente visuais, auditivas, olfativas e assim por diante no nível concreto ou percebidas no nível semiabstrato aparentemente não são *cebidas* como tendo qualquer *status de realidade* que não seja o real. De modo similar, a categoria representada linguisticamente como “modalidade”, com noções como aquelas expressas em inglês por *can*, *must* e *should* têm poucos análogos/contrapartes concretos ou percebidos.

Para continuar a exemplificação, outro conjunto de categorias no nível abstrato de palpabilidade que podem ser evocadas por formas de classe fechada diz respeito ao estado cognitivo de alguma entidade senciente; essas categorias, também, parecem não ser representadas nos níveis superiores de palpabilidade. Portanto, uma categoria conceptual que pode ser denominada de “status de conhecimento do falante”, representada por formas linguísticas chamadas “marcadores de evidencialidade”, especifica o status de conhecimento do falante sobre o evento a que a pessoa se refere. Em várias línguas (por exemplo, em Wintu, em que é expressa por inflexões verbais), essa categoria tem noções de conceito como “tido como factual com base em experiência pessoal”, “aceito como factual por meio de conhecimento compartilhado”, “inferido a partir de evidência disponível”, “inferido a partir de regularidade temporal”, “contemplado como possível por ter sido reportado”, e “julgado como provável”. Outra categoria linguística do tipo de estado cognitivo pode ser chamada de “status de conhecimento do interlocutor”. Essa é a inferência do falante sobre a capacidade do interlocutor de identificar algum referente que o falante especifica no momento. Uma forma linguística comum que representa essa categoria é a de determinantes que marcam definição - por exemplo, os respectivos artigos definidos e indefinidos do inglês, *the* e *a* ou *an*. Outros estados cognitivos gramaticalmente representados são intenção e volição, propósito, desejo, vontade e arrependimento.

Para alguns exemplos finais, uma categoria linguística que pode ser chamada de “particularidade” diz respeito ao fato de uma entidade em referência ser entendida como única (*that bird just flew in*), ou como específica de um conjunto de entidades comparáveis (*a bird just flew in*), ou genericamente como um exemplar representativo de todas as entidades comparáveis (*a bird has feathers*). Porém, a *cepção* simultânea de uma entidade no nível concreto ou semiabstrato pode não acomodar essa gama de opções. Em particular, ela aparentemente tende a excluir o caso genérico - por exemplo, olhar para um pássaro específico não costuma evocar a *cepção* de todos os pássaros genericamente falando. Portanto, a *cepção* de genericidade na cognição humana pode ocorrer apenas no nível abstrato de palpabilidade. Por fim, muitas formas linguísticas de classe fechada especificam uma variedade de relações abstratas, como parentesco e posse. A terminação -'s do inglês expressa ambas as relações, como em *John's mother* e *John's book*. Novamente, a *cepção* simultânea, como ver John em sua casa e a Sra. Smith na dela, ou ver John na porta e um livro em cima da mesa, pode não evocar diretamente os conceitos relacionais de parentesco e posse que as formas linguísticas evocam.¹⁹

10 OUTROS TIPOS E PROPRIEDADES DA CEPÇÃO

A estrutura completa de todo o sistema de *cepção* certamente ainda está por ser caracterizada, mas algumas notas breves aqui irão esboçar alguns contornos dessa estrutura. Citamos alguns outros tipos de *cepção*, algumas formas de dissociação ao longo dos parâmetros relacionados à palpabilidade delineados anteriormente, e algumas diferenças entre as várias modalidades sensoriais quanto ao seu comportamento paramétrico.

10.1 Formas imagéticas de *cepção*

O que pode ser chamado de *cepção* imagética inclui imagens mentais, naturalmente independentemente do fato de que sejam elas relacionadas à visão ou às outras modalidades sensoriais. Ao longo do parâmetro gradiente de dependência de estímulo, a *cepção* imagética parece se encaixar em uma posição intermediária. Ou seja, pode ser evocada em associação a uma entidade *cebida* no nível concreto durante estímulos simultâneos por parte da entidade. Por exemplo, ao se ver um cachorro, pode-se imaginar a imagem e o som dele ao começar a latir, assim como a imagem e o movimento de alguém se aproximando e fazendo carinho nele. Porém, a *cepção* imagética também pode ocorrer sem estímulo simultâneo, como durante a imaginação particular de um indivíduo. Precisa-se determinar se a *cepção* imagética também pode ocorrer na extremidade inferior do parâmetro de dependência de estímulo, isto é, se alguns de seus aspectos não são relacionados a atributos sensoriais, como no caso de muitas categorias conceptuais da linguagem.

10.2 Formas associativas de *cepção*

O que pode ser chamado de formas **associativas** de *cepção* diz respeito a fenômenos *ceptuais* evocados em associação a uma entidade durante os estímulos sensoriais simultâneos, mas não considerados como atributos intrínsecos a ela. Tais fenômenos associados poderiam incluir os seguintes tipos: (1) imagens mentais, como discutidos há pouco; (2) ações que se pode realizar em relação à entidade; (3) estados afetivos experienciados com relação à entidade; (4) conceitos ou aspectos específicos do conhecimento que se associa à entidade; e (5) inferências relacionadas à entidade.

Já tendo discutido imagens mentais, podemos ilustrar aqui os quatro tipos restantes de (per/con)cepção associativa. Como exemplos de ação associada (2), ao ver um porta-retratos torto, o indivíduo poderia experienciar um impulso motor para manipular a moldura e endireitá-la. Ou, ao ver uma bola de boliche inexoravelmente se aproximar da canaleta, essa pessoa poderia experienciar ou realizar as rotações da “linguagem corporal” como se fosse efetuar uma correção na trajetória da bola. De fato, com relação a tais efeitos sinestésicos, pode haver um gradiente de palpabilidade - paralelo ao que postulamos para *cepção* - que se aplica ao controle motor. Seguindo do menos ao mais palpável, na extremidade inferior estaria a experiência de ter a intenção de se mover; na posição intermediária, estaria a experiência de se mover que não explicitamente, incluindo movimento controlado e linguagem corporal implícita; e na extremidade superior estaria a experiência de claramente se mover.

O afeto associado (3) apresenta exemplos tão simples quanto experienciar prazer, nojo ou medo ao ver algo como, por exemplo, uma criança brincando, um animal morto na estrada ou um assaltante. O conhecimento ou os conceitos associados (4) poderiam incluir exemplos como pensar em perigo ao ver uma faca, ou pensar na casa dos pais ao sentir o cheiro de pão

fresco. E exemplos de inferência associada (5) poderiam ser presumir que a Sra. Smith seja a mãe do John pela aparência visual de suas respectivas idades e da semelhança entre eles, ou inferir que um livro sobre uma mesa pertença a John com base no entorno e pela maneira como John se comporta com relação a ele.

10.3 Parâmetro de intrinsecabilidade

Formas associativas de *cepção* como as vistas há pouco podem ser amplamente agrupadas junto ao nível semiabstrato de palpabilidade. De fato, os fenômenos descritos na seção 9.4 como “percebidos” no nível semiabstrato e os fenômenos associativos reportados aqui podem se organizar em um único grupo *cebido* no nível semiabstrato de palpabilidade. Mas o tipo percebido e o tipo associativo dentro desse grupo ainda seriam diferentes um do outro no que diz respeito a outro parâmetro gradiente, que pode ser chamado de **intrinsecabilidade**. Na extremidade superior desse gradiente, os fenômenos percebidos seriam experienciados como intrínsecos à entidade sendo *cebida* no nível concreto, isto é, seriam *cebidos* como atributos realmente presentes e talvez inerentes - tais como estrutura e padrões de interferência de forças que o experienciador está “detectando” na entidade vista concretamente. Porém, na extremidade inferior do gradiente de intrinsecabilidade, os fenômenos associativos apresentados aqui seriam experienciados como se fossem meramente associados à entidade *cebida* concretamente, isto é, seriam experienciados como fenômenos incidentais que o *ceptualizador* traz à entidade propriamente dita.

Esse parâmetro de intrinsecabilidade, no entanto, é, na verdade, apenas o gradiente de objetividade (parâmetro 5) quando aplicado a fenômenos conectados a uma entidade em vez de aplicado à própria entidade. Com certeza, quando um fenômeno específico é apresentado, o gradiente de intrinsecabilidade varia de acordo com o tipo de fenômeno, o indivíduo, a cultura e a ocasião. Para um exemplo clássico, se alguém *cebe* beleza em conjunção com o fato de ver uma pessoa específica, esse alguém pode experienciar essa beleza como um atributo intrínseco à pessoa vista, como a altura dessa pessoa. Alternativamente, pode-se experienciar a beleza como uma resposta interpretativa pessoal, isto é, produzida por parte de quem vê.

10.4 Dissociações entre os parâmetros relacionados à palpabilidade

Enquanto os treze parâmetros relacionados à palpabilidade geralmente tendem a se relacionar uns com os outros para os tipos de *cepção* que foram considerados, algumas dissociações podem ser observadas. Por exemplo, no que diz respeito às formas imagéticas de *cepção*, imagens mentais visuais podem ter um grau relativamente alto de ostensão (parâmetro 4), tal como ter forma e movimento relativamente definidos. Ao mesmo tempo, no entanto, podem se situar em algum ponto entre os níveis semiconcreto e semiabstrato no gradiente de palpabilidade (parâmetro 1) e em algum ponto intermediário no gradiente de clareza (parâmetro 2). Para outro caso de dissociação, já notado, os fenômenos cognitivos expressos por formas linguísticas de classe fechada estão geralmente no nível mais abstrato do gradiente de palpabilidade (parâmetro 1). Contudo, a manipulabilidade consciente das formas linguísticas que expressam esses fenômenos conceptuais os coloca junto à extremidade superior do gradiente de acionabilidade (parâmetro 12). Ou ainda, alguns estados afetivos podem ser situados bem abaixo na maioria dos parâmetros, por exemplo, intangíveis

no gradiente de palpabilidade (parâmetro 1), opacos no gradiente de clareza (parâmetro 2), e não ostensivos no gradiente de ostensão (parâmetro 4) - enquanto são situados em nível bem elevado no gradiente de força (parâmetro 3) pois são experienciados como intensos e vívidos. A observação de outras dissociações desse tipo pode favorecer a independência dos parâmetros defendidos e até mesmo justificar sua identificação como fenômenos distintos.

10.5 Diferenças de modalidade no gradiente de palpabilidade

Na discussão sobre *cepção*, lidamos majoritariamente com fenômenos relacionados à modalidade visual, que podem exibir todos os níveis do gradiente de palpabilidade exceto talvez o mais abstrato. Porém, podemos brevemente notar que cada modalidade sensorial pode ter seu próprio padrão de manifestação ao longo dos vários parâmetros relacionados à palpabilidade defendidos. Por exemplo, a modalidade cinestésica, incluindo a percepção da postura e dos movimentos corporais de um indivíduo, por sua natureza, raramente ou nunca pode ser classificada nos níveis superiores dos gradientes de palpabilidade, clareza e ostensão (parâmetros 1, 2 e 4), talvez pairando entre os níveis semiconcreto e semiabstrato. A modalidade olfativa, pelo menos para os humanos, parece ser classificada em um nível inferior no que diz respeito ao gradiente de localizabilidade (parâmetro 6). E as modalidades gustativas e olfativas, envolvidas na ingestão de alimentos, podem variar mais na região de conteúdo do que na região de estrutura do gradiente de conteúdo/estrutura (parâmetro 8). A comparação das modalidades sensoriais no que diz respeito à *cepção* requer investigação muito mais profunda.

11 PARALELISMOS DE CONTEÚDO/ESTRUTURA ENTRE VISÃO E LINGUAGEM

A análise, neste ponto, permite a observação de dois outros paralelismos entre visão e linguagem.

11.1 Funções complementares dos subsistemas de conteúdo e estrutura na visão e na linguagem

Primeiramente, ambos os sistemas cognitivos, a visão e a linguagem, possuem um subsistema de conteúdo e um subsistema de estrutura. Dentro da visão simultânea, por exemplo, ao ver um objeto ou um conjunto de objetos, o subsistema de conteúdo está primordialmente no nível concreto de palpabilidade, enquanto o subsistema de estrutura está primordialmente no nível semiabstrato de palpabilidade. Na linguagem, os referentes das formas de classe aberta manifestam amplamente o subsistema de conteúdo, enquanto os referentes das formas de classe fechada são geralmente limitados a manifestar o subsistema de estrutura. Os dois subsistemas cumprem funções amplamente distintas e complementares, como será demonstrado a seguir, primeiro para a visão e depois para a linguagem. Uma série de propriedades tanto do gradiente de conteúdo/estrutura (parâmetro 8) quanto do gradiente de tipo de geometria (parâmetro 9) se alinham diferentemente com o funcionamento distinto desses dois subsistemas. Inclusas estão propriedades como todo em oposição a parte, geometria euclidiana em oposição a topologia, absolutividade em oposição a relatividade,

precisão em oposição a aproximação e, holisticamente, uma síntese substantiva em oposição a abordagens gerais.²⁰

Podemos inicialmente ilustrar as propriedades e operações dos dois subsistemas na visão. Para o caso que envolve planejamento e controle motor, como na execução de uma determinada trajetória através do espaço, o subsistema de conteúdo é relevante para as calibrações locais otimizadas, enquanto o subsistema de estrutura pode projetar uma primeira aproximação geral improvisada. Assim, vejamos um exemplo anterior, em que uma pessoa que quer atravessar o salão de um restaurante provavelmente irá traçar um percurso avaliativo e aproximativo desviando-se das mesas, e usando o nível semiabstrato de estrutura percebida em uma disposição espacial. Porém, no processo de travessia, a pessoa irá atender às especificidades euclidianas das mesas, usando o nível concreto de conteúdo bruto específico, de modo a não esbarrar nos cantos das mesas. Se tal coisa fosse possível, uma pessoa que operasse sem o subsistema de natureza topológica global seria limitada a avançar, usando as diretrizes do subsistema de precisão para seguir os lados das mesas e as curvas das cadeiras, sem um mapa esquemático abrangente para orientá-la. Por outro lado, uma pessoa que não possui o subsistema de precisão poderia estabelecer uma jornada aproximada, mas encontrar repetidas colisões e bloqueios por não ser capaz de avaliar com precisão e contornar as especificidades locais. Os dois subsistemas, portanto, desempenham funções complementares e são ambos necessários para uma navegação otimizada, bem para outras formas de atividade motora.

Podemos então ilustrar os dois subsistemas em operação na linguagem. Para fazer isso, podemos observar as funções distintas atendidas pelas formas de classe aberta e pelas formas de classe fechada em uma frase qualquer. Assim, considere a frase: “*A rustler lassoed the steers*”. Essa sentença contém apenas três formas de classe aberta, cada uma das quais especifica um vasto complexo de conteúdo conceptual. Essas são o verbo “*rustle*”, que especifica noções de ilegalidade, roubo, propriedade e gado; o verbo “*lasso*”, que especifica uma corda com laço e nó em uma configuração específica que é movida, encaixada e circundada sobre a cabeça de um animal de uma certa maneira; e o substantivo “*steer*”, que especifica noções de um determinado tipo de animal, a instituição de criação para consumo humano e a castração.

Por outro lado, a frase contém uma série de formas de classe fechada que especificam conceitos relativamente livres os quais servem a uma função de estruturação. Essas incluem o sufixo “*-ed*”, que especifica a ocorrência antes do tempo do evento de fala atual; o sufixo “*-s*”, que especifica a instanciação múltipla e o sufixo “*zero*” (em *rustler*), que especifica a instanciação unitária; o artigo “*the*”, que especifica a pressuposição do falante sobre a fácil identificação para o destinatário, e o artigo “*a*”, que especifica o oposto disso; o sufixo “*-er*”, que especifica o executor de uma ação; a categoria gramatical de substantivo (para *rustler* e *steers*) indicando um objeto; de verbo (para *lassoed*), indicando um processo; de relação gramatical de sujeito, indicando um Agente; e de objeto direto, indicando um Paciente.

As funções distintas atendidas por esses dois tipos de formas podem ser colocadas em relevo através da alteração alternada de um tipo de forma na sentença acima, enquanto mantém a outra constante. Assim, podemos mudar apenas as formas de classe fechada, como em uma sentença como: “*Will the lassoers rustle a steer?*” Aqui, todos os contornos estruturais da cena retratada e do evento de fala foram alterados, mas pelo fato de as formas de classe aberta específicas de conteúdo serem as mesmas, ainda estamos em um cenário de cowboy do oeste. Porém, agora podemos mudar apenas as formas de classe aberta, como em: “*A machine stamped the envelopes*”. Aqui, as relações estruturais da cena e do evento de fala são as mesmas que na frase original, mas com as formas de especificação de conteúdo

alteradas, e somos transpostos para um prédio comercial. Em suma, então, no contexto referencial e discursivo de uma sentença, as formas de classe aberta contribuem com a maior parte do conteúdo, enquanto as formas de classe fechada determinam a maior parte da estrutura.

Assim, tanto na *cepção* como na negociação motora de uma cena visual e na conceptualização da referência de uma sentença, os dois subsistemas cognitivos de conteúdo e de estrutura estão em operação, desempenhando funções igualmente necessárias e complementares à medida que interagem um com o outro.

11.2 Carácter comparável do subsistema de estrutura na perspectiva e na linguagem

Considerando a demonstração de que a percepção visual e a linguagem contêm ambas um subsistema de conteúdo e um subsistema de estrutura, precisamos então determinar a relação entre os dois subsistemas de conteúdo e a relação entre os dois sistemas de estrutura. Enfocando apenas a segunda questão, percebemos que os subsistemas estruturais na visão e na linguagem apresentam grande semelhança. Primeiro, lembre-se que a seção 9.4 sobre *cepção* no nível semiabstrato de palpabilidade propõe que podemos perceber a estrutura espacial e relacionada à força de um objeto ou uma série de objetos ao vê-lo. Sugeriu-se que qualquer estrutura desse tipo seja sentida como se fosse constituída por um esquema abstrato idealizado com uma geometria de natureza topológica ou de outra natureza qualitativa. E lembre-se da seção anterior que o sistema linguístico de formas de classe fechada é dedicado a especificar a estrutura do todo ou parte de um complexo conceitual de referência. Observe agora, então, que, quando essa estrutura linguisticamente especificada pertence a um espaço ou uma força, ela também consiste em esquemas abstratos idealizados com propriedades de natureza topológica. De fato, o carácter de estruturação produzido pela percepção visual e gerado pelo sistema linguístico de classe fechada parece ser altamente similar.

Os subsistemas estruturais da visão e da linguagem exibem ainda outro paralelo. Lembre-se da observação na seção 9.4 de que os esquemas estruturais que se percebem de forma semiabstrata como estando presentes em um objeto ou conjunto de objetos são avaliados como fictivos, com relação ao status factivo da maneira pela qual concretamente se vê um objeto ou um conjunto de objetos. Os esquemas estruturais expressos por formas linguísticas de classe fechada - aqui, especificamente, aqueles pertinentes a espaço e força - são também representações fictivas, relativas ao carácter factivo dos objetos e conjuntos de objetos que um usuário da língua compreende como pertinentes. Em outras palavras, todos esses casos de esquemas abstratos ou conceptualmente impostos, sejam eles percebidos visualmente ou especificados por formas linguísticas de categoria/classe fechada, podem ser entendidos como uma forma de fictividade. Eles não constituem movimento fictivo, mas sim presença fictiva - aqui, a presença fictiva da estrutura. Por conseguinte, a extensa gama de trabalhos linguísticos sobre esquemas espaciais (por exemplo, Talmy 1975b, 1983 e Herskovits 1986, 1994, dentre muitos outros) constitui a principal contribuição para a teoria da fictividade. Em particular, Herskovits estabeleceu a pedra angular de sua obra ao tratar os esquemas espaciais que ela descreve como "estruturas virtuais" (anteriormente denominadas "conceptualizações geométricas"), que devem ser distintas das "representações canônicas" dos objetos "como eles são".

Considerando o exposto acima como o panorama geral, apontamos agora para casos específicos de paralelismo entre o subsistema de estrutura da visão e o da linguagem. Com

relação à estrutura de uma série de objetos, propusemos na seção 9.4.1 que se pode perceber visualmente a presença de um tipo de esquema estrutural de "inclusão" ao visualizar um complexo de dois objetos no qual um objeto é percebido como estando em um ponto ou pontos do espaço interno definidos pelo outro objeto. Esse esquema pode ser topologicamente ou qualitativamente abstraído a partir de especificidades do tamanho, forma, encerramento, descontinuidade, orientação relativa e localização relativa dos objetos. Agora, o esquema espacial especificado pela preposição da língua inglesa “*in*” exhibe todas essas mesmas propriedades. Essa forma de classe fechada pode, portanto, ser usada com a mesma adequação para se referir a algum objeto localizado *em um dedal, em um vulcão, em um poço, em uma trincheira, em uma bola de praia, em um arco, em um jarro de sino ou em uma gaiola*. Além disso, pode-se dizer que, ao abstrair ou impor o seu esquema, os subsistemas estruturais da visão e da linguagem produzem uma representação fictiva, em relação à concretude de um conjunto de objetos.

Comparativamente, a seção 9.4.2 abordou as propriedades de natureza topológica da estrutura percebida na trajetória de um objeto visto em movimento. Porém, esse tipo de estrutura visualmente percebida também possui paralelos linguísticos de classe fechada. Assim, a preposição “*across*” em inglês – que especifica um esquema o qual prototipicamente envolvendo o movimento de uma linha paralela a outra ao longo de uma linha perpendicular entre elas – exhibe a propriedade topológica de ser neutra em termos de magnitude. Isso se torna evidente pelo fato de que ela pode ser aplicada tanto para trajetórias de alguns centímetros, como em “*The ant crawled across my palm*”, bem como para trajetórias de milhares de quilômetros, como em “*The bus drove across the country*”. De forma semelhante, a preposição “*through*” especifica (em um aspecto de seu uso) um esquema que envolve movimento ao longo de uma linha localizada em um determinado meio. No entanto, do ponto de vista da natureza topológica, esse esquema é neutro em termos de forma; assim, também a preposição “*through*” pode ser igualmente aplicada a uma trajetória em *loop*, como em “*I circled through the woods*”, ou a uma trajetória recortada, como em “*I zig-zagged through the woods*”. Novamente, os esquemas topológicos assim percebidos visualmente ou linguisticamente imputados a uma trajetória são representações fictivas relativas às especificidades euclidianas vistas ou consideradas presentes.

Para um exemplo final de paralelismo de estrutura entre a visão e a linguagem, a seção 9.4.3 sugeriu que, ao visualizar certas cenas, pode-se perceber a presença de uma moldura de referência retilínea ou radial como o pano de fundo sobre o qual um objeto executa uma trajetória. Esses dois esquemas alternativos, porém, também podem ser representados por formas de classe fechada na linguagem. Assim, a locução prepositiva em inglês “*away from*” indica o movimento a partir de um ponto em um limite do tipo ordenado que avança ao longo de um eixo do tipo abscissa dentro de uma grade retilínea. Porém, a locução prepositiva “*out from*” indica movimento de um ponto central ao longo de um raio dentro de uma grade radial de círculos concêntricos. Essas esquematizações conceituais alternativas podem ser vistas em frases como “*The boat drifted further and further away/out from the isle*” ou “*The sloth crawled 10 feet away/out from the tree trunk along a branch*”. Aqui, ambas as molduras de referência são claramente imposições cognitivas fictivas sobre a cena, não importa se essa cena é vista visualmente ou referida linguisticamente.

Em síntese, as características comparáveis entre a estruturação visual e linguística de espaço e força incluem o seguinte: ambas exibem abstrações esquemáticas comparáveis; em ambas, essas abstrações são de natureza topológica; e, em ambas, essas abstrações são fictivas. A afirmação-síntese a seguir pode captar a comparatividade entre a estruturação linguística e perceptual, desde que ela seja interpretada no contexto explicativo e

terminológico deste capítulo: entende-se ou expressa-se gramaticalmente muito do que é percebido visualmente.

11.3 Possíveis bases neurais para a semelhança de estrutura na visão e na linguagem

É possível explorar ideias de forma heurística sobre a base neural com relação às semelhanças discutidas anteriormente entre o subsistema de estrutura da percepção visual e o da linguagem.

Uma possibilidade é que algum sistema neural específico, independentemente da visão e da linguagem, seja responsável por processar estruturas esquemáticas em geral. Então, podemos supor que tanto a percepção visual quanto a representação linguística de classe fechada estão conectadas nesse único sistema neural para essa característica comum de seu modo de funcionamento.

Outra possibilidade é que o subsistema neural para processar estrutura esquemática esteja incluído no sistema neural subjacente à percepção visual e que o sistema neural subjacente à linguagem tenha conexões com esse subsistema de processamento de estrutura, do qual ele em um segundo momento deriva suas funções estruturantes – aquelas associadas às formas de classe fechada. Para essa possibilidade, postulamos que o subsistema estruturante está localizado no sistema visual, já que, do ponto de vista evolutivo, a visão precede a linguagem. De acordo com que o sistema linguístico se desenvolveu, ele pode ter-se conectado com o subsistema estruturante já existente na percepção visual.

Uma terceira possibilidade é de que existam duas cópias aproximadas de um subsistema neural para processar estruturas esquemáticas, um no sistema neural subjacente à visão e outro no sistema neural subjacente à linguagem.

Além dessas possibilidades de localização, o sistema ou subsistema neural hipotetizado para processar estruturas esquemáticas deveria receber outra característica. As estruturas esquemáticas que são produtos de seu processamento são experienciadas como sendo menos verídicas, portanto, fictivas, relativas aos produtos de certos outros sistemas neurais, aqueles que processam as ostensões concretas de entidades *cebidas*.

11.4 Explicitude estrutural na visão e na linguagem

O sistema cognitivo pertencente à visão em seres humanos possui outra característica que pode ter um equivalente/uma contraparte parcial na linguagem. Ele tem um componente para representar, de forma explícita, os tipos de estruturas esquemáticas geralmente percebidas apenas de forma implícita no nível semiabstrato de palpabilidade. Nós chamamos isso de componente para **representação pictórica esquemática**.

Na representação iconográfica, uma representação pictórica completa manifesta o subsistema de conteúdo. No entanto, o subsistema de estrutura pode ser explicitado através do componente de representação pictórica esquemática por meio de representações esquemáticas que envolvem o uso de pontos, linhas e planos, como em caricaturas estáticas e fílmicas, desenhos de linhas, esculturas de fios e similares. As primeiras representações pictóricas que as crianças produzem - seus desenhos em "forma de palito" - são desse tipo esquemático. Por exemplo, uma criança poderia desenhar uma figura humana em uma fase inicial como um círculo com quatro linhas que se irradiam dele e, mais tarde, como um círculo em cima de

uma linha vertical a partir da qual duas linhas se estendem lateralmente, direita e esquerda, em um ponto médio, e outras duas linhas inclinam para baixo a partir do ponto inferior. Assim, ao retratar um objeto ou cena vista, uma criança não representa tanto suas características de nível concreto quanto representa a estrutura que ela pode perceber no nível semiabstrato de palpabilidade.

Deve-se enfatizar que tais esquemas não são o que afeta as retinas. O que afeta as retinas são as particularidades da ostensão: o volume, as bordas, as texturas, as sombras, as cores, e assim por diante, de uma entidade analisada. No entanto, o que emerge dos movimentos das mãos de uma criança não são tais detalhes de ostensão, mas sim linhas unidimensionais que formam uma delimitação esquemática estrutural. Consequentemente, um grande processo cognitivo deve ocorrer entre as respostas das retinas e esses movimentos das mãos. Esse processamento de uma forma estruturada reduz, ou "resume-se", a um todo em contornos. Conforme proposto neste estudo, tais abstrações estruturais são, em qualquer caso, necessárias para a *cepção* da forma visual, tanto de objetos individuais como de conjuntos de objetos (cf. Marr, 1982); eles constituem uma parte importante do que é percebido no nível semiabstrato de palpabilidade. Parece, então, que o componente do sistema visual envolvido na produção de representações externas toca especificamente nesse mesmo sistema de estruturação abstrata, um mecanismo já existente para outras funções - em que esse mecanismo pode ser o mesmo que o sistema neural hipotetizado heurísticamente para a estrutura esquemática em geral. De fato, na fase inicial de desenvolvimento da operação, a capacidade iconográfica de uma criança parece estar ligada principalmente a esse mecanismo estruturante, mais do que aos sistemas cognitivos para *ceber* concretamente a plena ostensão dos objetos.

O componente da linguagem que pode corresponder parcialmente a essa explicitude representacional é o próprio sistema de classe fechada, conforme caracterizado na seção anterior. A ligação linguística de morfemas abertos aos esquemas estruturais que eles representam fornece alguma concretude a essas entidades cognitivas, de outra forma localizadas no nível totalmente abstrato de palpabilidade. Esses morfemas constituem contrapartes tangíveis às formas abstratas, permitem uma maior acionabilidade sobre elas, e talvez proporcionem maior acesso consciente a elas. A forma de tais morfemas, no entanto, não reflete a forma dos esquemas que representam; e desse modo, esse componente linguístico difere fundamentalmente das representações esquemáticas pictóricas, que correspondem em estrutura ao que representam.

Ainda que esta seção tenha apontado para os paralelismos de estrutura entre a visão e a linguagem, resta traçar suas diferenças. Pode-se esperar que os subsistemas de estrutura na visão e na linguagem difiram em vários aspectos quanto ao que eles tratam como estrutural, o grau e tipo de abstração geométrica, o grau e os tipos de variação que características estruturais podem exibir em diferentes grupos culturais e os momentos e as sequências em que essas características estruturais aparecem na criança em desenvolvimento.

11.5 Algumas comparações com outras abordagens

A presente análise propõe um desafio para as conclusões de Cooper e Schacter (1992). Eles postulam formas "explícitas" e "implícitas" de percepção visual de objetos - aparentemente, os conceitos na literatura mais próximos dos conceitos de nível concreto e nível semiabstrato de palpabilidade deste capítulo. Porém, eles afirmam que sua forma implícita de percepção é inacessível à consciência. Diferentemente, em primeiro lugar,

afirmamos que entidades tais como as representações estruturais percebidas no nível semiabstrato de palpabilidade (como as tratadas na seção 9.4) podem, de fato, ser experienciadas conscientemente pelo menos em um vago ou tênue grau de clareza, em vez de serem totalmente inacessíveis à consciência. E, em segundo lugar, o fato de a visão e a linguagem – ambas amplamente sujeitas ao controle consciente – poderem explicitar as representações estruturais do subsistema de estrutura sugere que essas representações não estavam, a princípio e de modo inacessível, implícitas.

Sistemas cognitivos separados para representar objetos e espaços foram postulados por Nadel e O'Keefe (1978), por Ungerleider e Mishkin (1982) e por Landau e Jackendoff (1993), que os caracterizaram como sistemas "o que" e "onde". Pode-se afirmar que esses sistemas se encaixam bem, respectivamente, nos subsistemas de conteúdo e de estrutura, postulados em Talmy (1978c, 1988b) e aqui. No entanto, o sistema "onde" pareceria compreender apenas uma parte do subsistema de estrutura, pois o primeiro diz respeito à representação estrutural de um conjunto estendido de objetos – o campo em relação ao qual a localização de um objeto figura é caracterizada – enquanto o último também inclui a representação estrutural de qualquer objeto em si.

12 A RELAÇÃO ENTRE METÁFORA E FICTIVIDADE

A teoria da metáfora, em particular a apresentada por Lakoff e Johnson (1980), está em conformidade com a fictividade geral. O domínio fonte e o domínio alvo de uma metáfora fornecem duas representações discrepantes. A representação de uma entidade dentro do domínio alvo é entendida como factiva e mais verídica. A representação do domínio fonte que é mapeado sobre a entidade no domínio alvo, por outro lado, é entendida como fictiva e menos verídica.

Por exemplo, as expressões linguísticas frequentemente envolvem espaço como um domínio fonte mapeados em tempo como um domínio alvo. Isso pode ser observado em sentenças como “*The ordeal still lies ahead of us,*” e “*Christmas is coming,*” na qual a relação espacial estática de “frontalidade” é mapeada na relação temporal de “subsequência”, enquanto a relação espacial dinâmica de “aproximação” é mapeada em “sucessão” temporal. Em termos de fictividade geral, a temporalidade factiva é aqui expressa literalmente em termos de espacialidade fictiva.

Uma observação decorrente da perspectiva de fictividade, que talvez não tenha sido observada anteriormente, é que qualquer uma das fórmulas de três termos de Lakoff e Johnson (1980) – por exemplo, “Amor é uma viagem,” “Argumento é guerra,” “Ver é tocar” – é na verdade, um rótulo para um par de fórmulas complementares, uma delas factiva e outra fictiva, conforme representado em (27).

- (27) Fictivo: X é Y
Factivo: X não é Y

Assim, do ponto de vista factivo, amor *não* é viagem, enquanto em algumas expressões fictivas amor *é* uma viagem. A exata característica que torna uma expressão metafórica – do que depende a metaforicidade – é que falantes ou ouvintes em algum lugar na sua cognição têm uma crença sobre o domínio alvo contrária à representação cognitiva do que está sendo declarado, e têm em algum lugar da sua cognição uma compreensão da discrepância entre essas duas representações.

Uma razão para escolher adotar como égide a teoria da fictividade em vez da teoria da metáfora é que a primeira é construída para englobar os sistemas cognitivos em geral em vez de apenas se aplicar à linguagem. Considere, por exemplo, um sujeito que visualize uma figura circular e estreita em forma de C. Em termos de fictividade geral, o sujeito provavelmente verá um C no nível concreto de palpabilidade - sua representação factiva. Ao mesmo tempo, para a mesma figura, ele perceberá um círculo completo no nível semiabstrato de palpabilidade – sua representação fictiva. Ele irá experienciar a primeira representação como mais verídica e a última como menos verídica, e pode experienciar um grau de discrepância entre as duas representações. Essa é, portanto, a forma como o modelo de fictividade geral caracterizaria o fenômeno gestáltico de encerramento.

Quanto ao modelo de metáfora linguística, se seus termos fossem estendidos para abranger a visão, eles poderiam caracterizar a percepção da figura em C como envolvendo o mapeamento de um domínio fonte de continuidade em um domínio alvo de descontinuidade, de modo que o sujeito experiencie uma metáfora visual de continuidade. Uma extensão desse tipo deveria, de fato, ser testado. Porém, no momento, psicólogos e linguistas poderiam se opor à noção de encerramento como uma metáfora. Enquanto isso, o esboço de um modelo geral para abordar tais fenômenos através dos sistemas cognitivos está sendo proposto aqui.

13. X FICTIVO

Nesta seção, recapitulamos e ampliamos as observações ao longo do texto de que fenômenos, além do movimento, podem ter status fictivo tanto na linguagem quanto na visão. O fenômeno cognitivo da fictividade é mais geral que o mero movimento fictivo, na verdade envolvendo X fictivo, em que X pode se estender por muitas categorias conceituais.

Para começar, a contraparte do movimento fictivo, a saber, a imobilidade fictiva, já foi vista no movimento relacionado a enquadre. Nos exemplos dados, quando o cenário é tratado de forma fictiva, como se movendo em direção ao observador, o observador é tratado de forma fictiva, como estando imóvel. Além disso, certas formulações linguísticas tratam o movimento como se fosse estático. Por exemplo, em vez de dizer “*I went around the tree*”, que se refere explicitamente ao meu movimento para frente, eu posso dizer “*My path was a circle with the tree at its center*”, o que restringe o fato de movimento ao substantivo “*path*” e apresenta o restante do evento como uma configuração estática.

As contrapartes visuais da imobilidade fictiva podem ser encontradas ao se visualizar tais fenômenos como uma cachoeira ou o padrão estático de ondinhas em um ponto específico ao longo de um percurso. Aqui, alguém *cebe* uma configuração relativamente constante, enquanto todo o material físico que constitui a configuração muda constantemente. Essa situação é a inversa à das trajetórias padrão da seção 8.1. Naquele caso, a substância física era na maior parte factivamente estática, enquanto o padrão fictivo que formou moveu-se. Aqui, o material físico se move de forma factiva, enquanto o padrão fictivo que ele forma é estático.

Comparativamente, a mudança fictiva de alguma propriedade já foi vista no exemplo de trajetória de coextensão (26c) - *The soil reddens towards the east*. Aqui, uma situação factivamente estática – uma diferença de cor espacialmente distribuída – é reconstruída fictivamente como uma mudança progressiva de cor de acordo com que a atenção do indivíduo se move fictivamente pelo espaço. Outro exemplo desse tipo é *The road disappears for a while by the lake and then reappears towards the border*. Aqui a organização espacial factiva de duas partes da estrada sem caminho entre elas é construída de modo fictivo como uma entidade contínua única, e de acordo com que o indivíduo move sua atenção de forma

fictiva ao longo dessa entidade, ela fictivamente muda de um estado presente para ausente e para presente novamente.

Podemos oferecer outro exemplo para outra categoria fictiva. Paralelos ao movimento relativo a enquadre e à imobilidade estão a mudança relativa a enquadre e a estaticidade. A exemplificação desses dois tipos poderia ser a seguinte sentença, que poderia ser produzida por um professor: *The entering freshmen keep getting younger*. Aqui, em uma perspectiva factiva, o professor está envelhecendo, enquanto os alunos de modo geral se mantêm com a mesma idade. Em uma perspectiva fictiva, porém, a sentença retrata o professor estático em termos de idade, enquanto a idade dos alunos diminui.

A percepção visual também pode exibir mudança fictiva e stasis sem envolver movimento. Embora experimentos relevantes aparentemente não tenham sido realizados, podemos sugerir um tipo a ser testado. O indivíduo olharia para o disco central de um tipo de brilho envolvido por um contorno de brilho distinto. O contorno então se torna factivamente mais forte enquanto o centro retém factivamente seu brilho original. Aqui, o indivíduo pode perceber, em vez disso, que o centro se torna mais escuro enquanto o contorno permanece o mesmo. Para esse sujeito, o centro estaria sofrendo mudança fictiva, enquanto o contorno exibe stasis fictiva.

Finalmente, lembre-se que tanto a linguagem quanto a percepção visual exibem presença fictiva na forma de estrutura esquemática abstrata que elas podem imputar às entidades. Dessa forma, a preposição em inglês *in*, conforme utilizada na sentença do tipo *X is in Y*, imputa a Y um esquema “envelope + interior”. Os contornos desses esquemas não são factivamente encontrados em Y, daí podermos dizer que esse esquema tem presença fictiva em Y. E esse esquema, na verdade, é conceptualmente imposto a Y, independentemente das especificidades factivas de ostensão de Y. Comparativamente, como parte da percepção visual em notar uma figura humana em uma determinada postura, pode-se perceber a presença dentro do campo da imagem de uma “figura-palito” esquemática, a qual consiste de um certo arranjo de eixos alongados – algo que não existe de forma factiva no corpo humano.

14. PREFERÊNCIA COGNITIVA PELO DINAMISMO

Agora que elaboramos de forma mais detalhada a natureza do movimento fictivo e da imobilidade fictiva, podemos comparar sua frequência de ocorrência relativa na linguagem e, talvez também, na visão. Em termos de teoria da metáfora, o movimento fictivo na linguagem pode ser interpretado como o mapeamento do movimento como um domínio fonte em imobilidade como um domínio alvo. Um mapeamento desse tipo pode ser visto como uma forma de **dinamismo** cognitivo. A imobilidade fictiva, então, é o inverso: o mapeamento da imobilidade como domínio fonte em movimento como um domínio alvo. Esse tipo de mapeamento, por sua vez, pode ser entendido como uma forma de **estaticismo** cognitivo. Dado esse modelo, pode-se observar que, na linguagem, o movimento fictivo ocorre predominantemente com mais frequência do que a imobilidade fictiva. Em outras palavras, as expressões linguísticas que manifestam um movimento fictivo superam em muito as que manifestam imobilidade fictiva, ou seja, a expressão linguística exibe uma forte tendência para o dinamismo conceitual em contraposição ao estaticismo.

A preferência cognitiva pelo dinamismo na linguagem aparece não apenas no fato de que os fenômenos estáticos são mais representados fictivamente como movimento do que o inverso. Além disso, os fenômenos estáticos considerados em si mesmos podem, em alguns casos, serem mais representados fictivamente como movimento do que factivamente como

imobilidade. A representação factiva de um referente estático diretamente como imóvel é o que capítulo I-1 chama de "modo de perspectiva sinóptica"; de forma semelhante, é o que Linde e Labov (1975) chamam de "mapa" e o que Tversky (1996) chama a forma "pesquisa" de representação. Isso é exemplificado em (28a). De modo correspondente, sua representação fictiva em termos de movimento exemplifica o "modo de perspectiva sequencial" de Talmy e, comparativamente, o que Linde e Labov e Tversky chamam de forma "*percurso*" de representação, como ilustrado em (28b).

- (28) a. *There are some houses in the valley.*
 b. *There is a house every now and then through the valley.*

Embora esse exemplo permita ambos os modos de representação, outros exemplos praticamente impedem uma representação estática, permitindo apenas uma representação em termos de movimento fictivo para uso coloquial, conforme observado em (29).

- (29) a. *?The wells' depths form a gradient that correlates with their locations on the road.*
 b. *The wells get deeper the further down the road they are.*

De forma semelhante, fenômenos factivamente estáticos em sistemas cognitivos diferentes da linguagem também podem ser mais facilmente concebidos em termos fictivamente dinâmicos do que em termos estáticos. Por exemplo, na visão, ao visualizar uma imagem pendurada em uma parede formando um ângulo, a pessoa pode mais facilmente *ceber* a imagem como um quadrado que está torto e precisa ser endireitado, enquanto pode ser necessário um esforço especial para *ceber* a imagem de forma estática como um diamante. Comparativamente, no sistema cognitivo do raciocínio, uma pessoa geralmente avança através de uma prova, passo a passo, em vez de ver todo o complemento das relações lógicas ao mesmo tempo.

De fato, o dinamismo cognitivo é considerado com tanta frequência o modo normal, que a cognição de imobilidade é frequentemente considerada como uma conquista especial e valiosa. Assim, o indivíduo que repentinamente *cebe* todos os componentes de um domínio conceptual como simultaneamente presentes em um padrão estático de inter-relações é considerado como tendo uma experiência "aha". E um indivíduo que *cebe* uma série de eventos consecutivos, um após o outro ao longo do tempo, como um padrão estático e simultâneo de relações, às vezes é considerado como tendo uma experiência visionária.

Notas

1. Este capítulo é uma versão moderadamente revisada de Talmy, 1996a.

Agradeço a Lynn Cooper, Annette Herskovits, Kean Kaufmann, Stephen Palmer e Mary Peterson por discussões tão valiosas. E os meus agradecimentos também à Karen Emmorey pelos dados corroborativos sobre o movimento fictivo na ASL, que infelizmente não pôde ser incluída na presente versão deste capítulo por falta de espaço.

2. Este estudo foi planejado como a primeira etapa de um tratamento mais extensivo de todas as categorias fictivas.

3. Bucher e Palmer (1985) mostraram que, quando em conflito, a configuração pode prevalecer sobre o movimento como base para a atribuição do status "frontal". Assim, se um triângulo equilátero se move ao longo de um de seus eixos de simetria, então essa linha é vista como definidora de "frente-trás". Se o vértice do triângulo percorre uma linha de movimento

ou se ele se arrasta, a linha ainda é vista como frontal. Onde o vértice se arrasta, o triângulo é simplesmente visto como se movendo para trás.

4 . Observe que a noção de passar atrás de um objeto com uma parte frontal pode ser parcialmente aceitável, possivelmente devido a uma conceptualização como esta: a linha intangível postulada, embora mais saliente na frente, de fato se estende totalmente ao longo do eixo de “frente-trás” do objeto.

5. Devido à restrição mencionada acima, esta construção não pode se referir a trajetórias fictivas não alinhadas, por exemplo, **“The snake is lying past the light”* não pode se referir a uma cobra esticada com a sua cabeça apontada para a luz atrás dela. Ainda demanda explicação, porém, o porquê dessa construção também não pode ser usada para arranjos alinhados com geometrias de trajetórias diferentes de "em direção a " ou "longe de", como em * *The snake is lying into/out of the mouth of the cave* para se referir a uma cobra esticada com sua cabeça apontada para dentro ou para fora da entrada da caverna.

6. O Experienciado é opcionalmente incluído ou omitido do tipo de construção em (i)

(i) I looked into the valley (at the mound located in its center).

7. Outras formas de agentividade provavelmente funcionam de modo mais limitado como modelos. Tais formas podem incluir um agente que afeta algum estado cognitivo que ele mesmo possui (por exemplo, fazer-se feliz) ou algum objeto físico com o qual ele já está em contato.

8. Este mapeamento pode ser reforçado pelo fato de que a trajetória de prospecção atribuída a uma configuração inanimada, como uma parede de um penhasco ou uma janela, é frequentemente associada a um visualizador real localizado naquela configuração que direciona sua trajetória visual ao longo do mesmo trajeto como linha prospectiva. Assim, em (i), pode-se facilmente imaginar um observador de pé na borda do penhasco ou no quarto olhando para fora ao longo do mesmo caminho que está associado com a parede do penhasco ou a janela.

(i) a. The cliff wall faces/looks out toward the butte.

b. The bedroom window faces/looks out/opens out toward the butte/onto the patio.

9. Para observar as correspondências, Jackendoff (1983) extraiu um conceito de "direcionamento" puro com quatro particularizações: "movimento real", "extensão" (por exemplo, *The road goes from New York to L.A.*), correspondente às nossas trajetória de coextensão, a terceira é "orientação" (por exemplo, *The arrow points to/toward the town*), correspondente às nossas trajetórias demonstrativas e "localização final" (por exemplo, *The house is over the hill*), correspondente às nossas trajetórias de acesso.

10. No entanto, Karen Emmorey (comunicação oral) observa um aparente contraexemplo para esta condição na Língua de Sinais dos EUA (ASL). O exemplo se refere a quando o indivíduo sinaliza que um carro invade a calçada e derrapa. Ela escreve: “O indivíduo utiliza o sinal para veículos (dedos polegar, indicador e médio estendidos, palma orientada para a esquerda) para representar o veículo e o sinal para objetos planos (sinal da letra B, dedos estendidos e se tocando, palma estendida) para representar a calçada. Para indicar a calçada se movendo rapidamente sob o carro, o sinal da letra B se move rapidamente para frente e para trás sob o sinal para veículos. Isso demonstra o movimento fictivo da calçada. Para essa expressão, o sinal para veículos não se move. Porém, quando o indivíduo mostra o carro em derrapagem, o sinal para veículos gira em sua extremidade e se move em um arco. Ao mesmo tempo, o sinal da letra B, que representa a calçada em movimento, continua a se mover.

11. Dada a extensão do movimento relativo a enquadre e seus reenquadramentos alternados na cognição humana e na linguagem, é possível postular o fato surpreendente de que, na história do pensamento científico tradicional, levou-se tanto tempo para que a ideia de rotação

da terra fosse ao menos considerada como uma possibilidade, além da ideia do céu ou de seus corpos luminosos girando ao redor da terra. Um elemento que pode ter contribuído para isso é o fator cognitivo aparente de que a imobilidade, em vez do movimento de translação ou de rotação, é básica para o observador. Essa inclinação cognitiva pode ter enviesado durante muito tempo a teorização sobre astronomia em favor de uma visão de que as entidades externas à terra estão em movimento em relação a nós.

12. O termo e talvez o conceito básico de *cepção* resulte de um breve artigo não publicado de Stephen Palmer e Eleanor Rosch intitulado "*Ception: Per- and Con-*". No entanto, a estruturação do conceito de *cepção* aqui encontrada, bem como os parâmetros em seguida postulados para desenvolvê-lo, pertencem à abordagem atual.

Já em uso comum existem outros termos que são neutros para qualquer distinção de percepção-concepção, embora talvez sem muito reconhecimento de conferir essa vantagem. Tais termos incluem “representação”, “experiência”, “conhecer” e, às vezes, “cognição”. Todos esses termos têm suas aplicações particulares e serão usados neste capítulo, mas a nova definição é especificamente destinada a enfatizar a continuidade através de um domínio maior e a existência de parâmetros amplamente gradientes que o abrangem.

13. Dentre os treze parâmetros talvez o parâmetro de força tenha uma região superior aberta, que permite graus cada vez mais elevados de intensidade. Assim, o ponto ao longo desse parâmetro que tenderia a se correlacionar com as extremidades superiores dos outros parâmetros deveria estar localizado na região superior.

14. Lembre-se que esta entrada, como as outras, é compreendida como um parâmetro fenomenológico. Uma entidade é designada para a extremidade superior desse gradiente, pois é experienciada como estando “lá”, não porque ela se encaixa em uma categoria de ontologia teórica para cujos princípios a entidade “*está*” lá.

Embora a experiência externa em contraposição à interna seja a questão relevante para o presente parâmetro, podemos notar que nossa ontologia científica geral sustentaria algo como o que segue sobre a percepção de uma entidade que se assume estar localizada fora do corpo do indivíduo. Uma vez que os estímulos da entidade interferem nos receptores sensoriais do corpo, o processamento neural dos estímulos, incluindo a porção que leva à experiência consciente da entidade, nunca mais deixa o corpo. Apesar desse fato, experienciamos a entidade como externa. Nosso processamento é organizado de modo específico para gerar a experiência da localização da entidade em um ponto externo específico. Falta-nos qualquer experiência consciente direta de que nosso processamento da própria entidade é interno. Em termos fisiológicos, aparentemente nos faltam órgãos sensoriais internos ao cérebro ou outros mecanismos neurais que registrem a localização interna do processamento e que transmitam essa informação ao sistema neural de consciência. Pelo contrário, o processamento é organizado especificamente para gerar a experiência da localização da entidade em um local externo específico.

15. A adoção do verbo *perceber* como um termo para este propósito é derivada do seu uso coloquial cotidiano, não de quaisquer outros usos que esta palavra pode ter recebido na literatura sobre psicologia.

16. Ver Petitot (1995) para um modelo matemático de estruturação visual e linguística de objetos no espaço físico.

17. Conforme discutido na seção 11.2, as formas linguísticas podem escolher entre essas duas alternativas de *frame* de referência. Assim, a expressão *away from* ativa o *frame* retilíneo, enquanto que *out from* ativa o *frame* radial, conforme os exemplos a seguir:

(i) The boat drifted further and further away from/out from the island.

(ii) The sloth crawled 10 feet away/out from the tree trunk along a branch.

Talvez relacionado à percepção de *frames* de referência esteja a *cepção* de fronteiras geográficas que não são, ou são apenas de forma parcial, baseadas em formações físicas concretamente visíveis, o que Smith (1995) denomina “fronteiras obrigatórias”.

18. Como tratado extensivamente no capítulo I-1, as formas de classe aberta são categorias de formas que são amplas e facilmente aumentadas, que consistem principalmente nas raízes de substantivos, verbos e adjetivos. As formas de classe fechada são categorias de formas relativamente pequenas e difíceis de aumentar. Incluídos entre eles estão as formas vinculadas, como afixos inflexionais e derivacionais; formas livres como "preposições, conjunções e determinantes", formas abstratas como categorias gramaticais (por exemplo, “nominalidade” e “verbalização” em si), relações gramaticais (por exemplo, sujeito e objeto direto), padrões de ordem de palavras; e complexos como construções gramaticais e estruturas sintáticas.

19. Observamos que as categorias linguísticas como as anteriores foram apresentadas apenas para ajudar a ilustrar a extremidade abstrata do parâmetro de palpabilidade, não porque esse parâmetro seja relevante para a fictividade geral na linguagem. Deve-se lembrar que o gradiente de palpabilidade foi aqui introduzido principalmente para ajudar a caracterizar a fictividade geral na visão. Embora a referência linguística possa estar localizada ao longo dele, esse parâmetro não é adequado para caracterizar a fictividade geral para a linguagem. Conforme discutido, a fictividade geral na linguagem envolve a discrepância entre a representação da crença de uma pessoa sobre uma situação referente e a representação da referência literal de uma sentença. O mapeamento de duas dessas representações relacionadas à linguagem na modalidade visual realmente tende a envolver um contraste de palpabilidade, mas as duas representações originais não.

20. Talmy (1978c, 1988b) primeiro observou pela primeira vez a homologia entre visão e linguagem como uma distinção de conteúdo/estrutura. Esses trabalhos também apresentam uma forma expandida da demonstração linguística resumida a seguir.

Referências

BABCOCK, M., & FREYD, J. *Perception of dynamic information in static handwritten specificity in cognition and culture*. New York: Cambridge University Press, 1988.

BOYER, P. Cognitive constraints on cultural representations: Natural ontologies and religious ideas. In: HIRSCHFELD, L.A.; GELMAN, S.A. (Eds.), *Mapping the mind: Domain specificity in cognition and culture*. New York: Cambridge University Press, 1994.

BUCHER, N. M.; PALMER, S. E. Effects of motion on the perceived pointing of ambiguous triangles. *Perception and Psychophysics*, 38, 227 – 236, 1985.

CAREY, S. *Conceptual change in childhood*. Cambridge, MA: MIT Press, 1985

COOPER, L. A.; SCHACTER, D. L. Dissociations between structural and episodic representations of visual objects. *Current Directions in Psychological Science*, 1(5), 141 – 146, 1992.

ENGE, S. A.; RUBIN, J. M. Detecting visual motion boundaries. In: *Proceedings of the Workshop on Motion: Representation and Analysis*, IEEE Computer Society, Charleston, SC, 7- 9 May, 1986.

- FODOR, J. A. *Modularity of mind: An essay on faculty psychology*. Cambridge, MA.: MIT Press, 1983.
- FREYD, J. Explorations of representational momentum. *Cognitive Psychology*, 19 (3), 369 - 401, 1987.
- HERSKOVITS, A. *Language and spatial cognition: An interdisciplinary study of the prepositions in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- _____. "Across " and " along ": Lexical organization and the interface between language and spatial cognition . Unpublished manuscript, 1994.
- JACKENDOFF, R. *Semantic and cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- _____. On beyond zebra: The relation of linguistic and visual information. *Cognition*, 26, 89 – 114, 1987.
- JEPSON, A., & RICHARDS, W. What is a Percept? Technical report RBCV -TR-93 -43. Toronto: University of Toronto Department of Computer Science, 1993.
- KEIL, F. *Concepts, kinds, and cognitive development*. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LANDAU , B., & JACKENDOFF , R. "What" and "where " in spatial language and spatial cognition. *Behavioral and Brain Sciences* , 16 (2), 217 – 238, 1993.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LEVINSON, S. Relativity in spatial conception and description. In: J. J. GUMPERZ, J.J.; LEVINSON, S.C. (Eds.), *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- LEYTON, M. *Symmetry, causality, mind*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.
- LINDE, C., & LABOV, W. Spatial networks as a site for the study of language and thought. *Language*, 51, 924- 939, 1975.
- MARR, D. *Vision: A computational investigation into the human representation and processing of visual information*. San Francisco: Freeman, 1982.
- MATSUMOTO, Y. Subjective motion and English and Japanese verbs. *Cognitive Linguistics*, 7 (2):183-226, 1996.
- NADEL, L., & O' KEEFE, J. *The hippocampus as a cognitive map*. Oxford: Clarendon Press, 1978.
- PALMER, S. E. What makes triangles point: Local and global effects in configurations of ambiguous triangles. *Cognitive Psychology*, 12, 285 – 905, 1980.
- _____, & BUCHER, N. M. Configural effects in perceived pointing of ambiguous triangles. *Journal of Experimental Psychology : Human Perception and Performance* , 7, 88 – 114, 1981.

- PEDERSON, E. Geographic and manipulable space in two Tamil linguistic systems. In: FRANK, A.U.; CAMPARI, I. (Eds.), *Spatial information theory*. Berlin: Springer, 1993.
- PENTLAND, A. Perceptual organization and the representation of natural form. *Artificial Intelligence*, 28, 293 – 331, 1986.
- RUBIN, J. M. Categories of visual motion. PhD. diss., Massachusetts Institute of Technology, 1986.
- TALMY, L. Semantics and syntax of motion. In: KIMBALL, J.P.(Ed.), *Syntax and semantics*, vol. 4, 181 - 238. New York: Academic Press, 1975.
- _____. Semantic causative types. In: *Syntax and semantics*. Vol. 6, SHIBATANI, M. (Ed.), *The grammar of causative constructions*, 43 - 116 . New York: Academic Press, 1976.
- _____. The relation of grammar to cognition: A synopsis. In: WALTZ, D. (Ed.), Proceedings of TIN LAP-2 (Theoretical Issues in Natural Language Processing). Urbana: University of Illinois, 1978.
- _____. Figure and ground in complex sentences. In: *Universals of human language*. Vol. 4, GREENBERG, J.H. (Ed.), *Syntax*, 625 - 649 . Stanford, CA: Stanford University Press, 1978b.
- _____. How language structures space . In: PICK, Jr., H.L.; ACREDOLO, L.P.(Eds.), *Spatial orientation: Theory, research, and application*, 225 - 282. New York: Plenum Press, 1983.
- _____. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In: *Language typology and syntactic description*. Vol. 3, T. SHOPEN (Ed.), *Grammatical categories and the lexicon*, 57 - 149. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- _____. The relation of grammar to cognition. In: B. RUDZKA -OSTYN (Ed.), *Topics in cognitive linguistics*, 165 - 205. Amsterdam: Benjamins, 1988a.
- _____. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*, 12, 49 – 100, 1988b.
- _____. Fictive motion and change in language and cognition. Plenary address at Conference of the International Pragmatics Association, Barcelona. July, 1990.
- _____. The cognitive culture system. *Monist*, 78(1), 81- 116, 1995.
- _____. The windowing of attention in language. In: SHIBATANI, M.; THOMPSON, S. (Eds.), *Grammatical constructions: Their form and meaning*, Oxford: Oxford University Press, 1995a.
- _____. Narrative structure in a cognitive framework. In: BRUDER, G., J. DUCHAN, J.; HEWITT, L. (Eds.), *Deixis in narrative: A cognitive science perspective*, 421-460. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1995b.
- UNGERLEIDER, L. G., & MISHKIN, M. Two cortical visual systems. In: INGLE, D.J.; GOODALE, M.A.; MANSFIELD, R.H.W. (Eds.), *Analysis of visual behavior*, Cambridge, MA: MIT Press, 1982.